

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

THAÍSA ANTUNES GONÇALVES

EMPRÉSTIMO INTERPESSOAL DE LIVROS:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DA COMUNIDADE VIRTUAL “LIVRO VIAJANTE”

RIO GRANDE
2014

THAÍSA ANTUNES GONÇALVES

EMPRÉSTIMO INTERPESSOAL DE LIVROS:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DA COMUNIDADE VIRTUAL “LIVRO VIAJANTE”

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof.^a Maria de Fatima S. Maia

RIO GRANDE
2014

THAÍSA ANTUNES GONÇALVES

**EMPRÉSTIMO INTERPESSOAL DE LIVROS:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DA COMUNIDADE VIRTUAL “LIVRO VIAJANTE”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof.^a Maria de Fatima S. Maia

Aprovado em 14/02/2014

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Maria de Fatima S. Maia – orientadora
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior – avaliador
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Marília)

Prof. Me. Rodrigo Aquino de Carvalho – avaliador
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço o incentivo de minha orientadora Fatima Maia, não somente nesse trabalho mas em toda minha trajetória na graduação. Inteligente e dedicada, é uma professora e colega que me proporcionou ótimas aulas e dicas preciosas. Devo à ti minha postura como pesquisadora e meus ideais como futura bibliotecária.

Aos professores membros da banca de avaliação deste trabalho:

- Professor Rodrigo Aquino de Carvalho, que confiou em mim e esteve sempre ao meu lado em todas as experiências interessantes que tive na graduação (estágio no LTI, monitorias, desenvolvimento de oficinas e apresentações de trabalhos). Agradeço, ainda, pela amizade, os livros emprestados e as divertidas discussões;

- Professor Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, por aceitar contribuir com o desenvolvimento desse trabalho, há alguns quilômetros de distância. Ainda, agradeço imensamente pelo *site* OFAJ.com.br, um de meus primeiros contatos com a Biblioteconomia.

À professora Dóris Vargas, pelo companheirismo e pela proeza de tornar agradável uma disciplina como Sistemas de Classificação;

Ao professor Mario Maia (Programa de Pós-graduação em Antropologia - UFPEL), pela gentileza de oferecer conselhos sobre etnografia, auxiliando assim em minha experiência inicial com a abordagem.

Aos meus colegas de graduação: Gabriela Teixeira, Fábio Silveira, Natalia Godinho e Bárbara Rodrigues.

Aos meus colegas de estágio no Laboratório de Tecnologia da Informação Documentária (LTI): Uírys Souza, Carlos Quadros e Marco Ribeiro.

À equipe do estágio curricular na Biblioteca Erico Verissimo, na Casa de Cultura Mario Quintana em Porto Alegre: Cindy, Alberto, Salete e especialmente à bibliotecária Carmen Galisteo;

Aos bichinhos que passaram por mim durante esses quatro anos (Juju, Crono, Fili e Kili) e aos que ainda me acompanham (Balin, Kiki, Scully, Ygritte e Marlon Brando).

À minha família que tanto me apoiou: mãe, vó Ciza, meu irmão Gustavo e meu marido Nathaniel.

Por fim, à comunidade “Livro Viajante” que me acolheu durante os últimos sete meses.

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender a prática de empréstimos interpessoais mediada por um ambiente *online*, caso da comunidade virtual “Livro Viajante”. Inserindo o fenômeno em uma perspectiva biblioteconômica, procura-se compreender tanto questões de caráter normativo da comunidade, quanto da percepção dos participantes sobre seu funcionamento, verificando-se por quais motivos os membros do grupo o preferem para a realização de empréstimos aos realizados por bibliotecas. Para isso, foi realizada uma abordagem etnográfica que consistiu em imersão na comunidade durante sete meses, valendo-se das técnicas de observação participante e entrevistas com os sujeitos. Com o auxílio do aporte teórico dos estudos de cibercultura, foi possível refletir sobre aspectos afetivos e simbólicos de uma comunidade em meio virtual, para além da simples descrição de seu funcionamento. Verificou-se que, apesar da dinâmica observada ser uma forma de circulação da informação e estar bastante relacionada à ampla noção de biblioteca, ela não é reconhecida como tal por seus participantes. Sua estrutura complexa de funcionamento, organizada pelos próprios leitores interessados, a torna uma forma distinta de circulação da informação e, mais do que isso, de compartilhamento de leituras.

Palavras-chave: Circulação da informação. Empréstimos interpessoais de livros. Comunidades virtuais.

ABSTRACT

This study aims to understand the practice of interpersonal loans mediated by online environments, in which the virtual community "Livro Viajante" is an example. Inserting the phenomenon in a Library Science perspective, we seek to understand both normative issues of the community, as the perception of the participants about their operation, verifying reasons for which members of the group prefer performing lendings to those made by libraries. For this, an ethnographic approach that consisted of an immersion in the community for seven months, took advantage of the techniques of participant observation and interviews with the subjects. With the aid of a theoretical contribution of cyberculture studies, it was possible to reflect on affective and symbolic aspects of a virtual community beyond the simple description of its operation. It was found that the observed dynamics is a way of circulating information and is closely related to the broad concept of a library, but it is not recognized as such by their participants. Its complex structure of operation, organized by the interested readers, makes this community a distinct form of information circulation, and more than that, of sharing of readings.

Keywords: Circulation of information. Virtual Communities. Interpersonal book lending.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação entre laços sociais e tipos de interações mediadas por computador.....19

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico da Cauda Longa	20
Figura 2 - Página inicial do <i>site</i> de rede social Skoob	35
Figura 3 - Página inicial da comunidade virtual Livro Viajante	39
Figura 4 - Regras da comunidade virtual “Livro Viajante”	41
Figura 5 - Exemplo de conjunto de regras personalizadas para LV	43
Figura 6 - Descrições de perfis de participantes do <i>site</i> de rede social Skoob	44
Figura 7 - Descrições de perfis de participantes do <i>site</i> de rede social Skoob e da comunidade virtual “Livro Viajante”	45
Figura 8 – Etiquetas utilizadas nas estantes virtuais dos participantes do “Livro Viajante”	46
Figura 9 - Página inicial do grupo de apoio “Livro Viajante - lista cinza e lista negra”	47
Figura 10 – Tópico Biblioteca Viajante	49
Figura 11 – LV retornando ao dono	50
Figura 12 – Demonstração de leituras realizadas durante o ano	53
Figura 13 – Reconhecimento de leituras entre os participantes	54
Figura 14 – Participante mostrando os presentes ganhos no amigo secreto de natal 2013	56
Figura 15 – Presente enviado para participante do “Livro Viajante”	57
Figura 16 – Presente enviado como retribuição à disponibilização de LV	58
Figura 17 – Organização do primeiro encontro presencial do “Livro Viajante”	59
Figura 18 – Bilhete de agradecimento pelo LV 1536 – Novas comédias da vida privada	68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Questão norteadora	10
1.2 Justificativa	11
1.3 Objetivos	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 Estudos de internet e Cibercultura	14
2.1.1 A sociedade em rede: do presencial ao virtual	17
2.1.2 A emergência das subculturas na rede	20
2.2 Bibliotecas, leituras e leitores	23
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
3.1 Abordagem etnográfica aplicada ao ambiente virtual	28
3.1.1 Delimitação do campo	30
3.1.2 Coleta de dados	30
3.1.3 Análise e interpretação dos dados	32
4 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	34
4.1 A temática leitura nos Sites de Redes Sociais	34
4.2 Skoob	35
5 O LIVRO VIAJANTE	38
5.1 “Só mais um livrinho” e o início dos viajantes	38
5.1.1 Estruturação e funcionamento do grupo	39
5.1.2 Regras de empréstimo e normas de conduta	41
5.1.3 Apropriação de recursos do SRS Skoob	43
5.1.4 Utilização de outros ambientes online como apoio	48
5.2 Estratégias de circulação da leitura	49
5.2.1 Empréstimos	49
5.2.2 Outras formas de circulação de livros	51
5.3 Sociabilização	51
5.3.1 Discussões	52
5.3.2 Amigos secretos	55
5.3.3 Mimos	56
5.3.4 Encontros presenciais	58
5.4 Relação com bibliotecas	59
6 A IMERSÃO NA COMUNIDADE	63
6.1 Os primeiros passos	64
6.2 A trajetória	68
6.3 O deslocamento	70
6.4 A adaptação	72
6.5 Retornando da viagem	73
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A – Roteiro base das entrevistas	80
APÊNDICE B – Trecho do diário de campo	82

1 INTRODUÇÃO

Devido a um maior acesso às tecnologias digitais, práticas presenciais adaptam-se e transformam-se no ambiente *online*. Movidas por diversos fatores como velocidade e praticidade, muitas atividades cotidianas são atualmente mediadas pelo computador, tais como compras, acesso à serviços do governo e agendamento de consultas médicas.

As diversas práticas de leitura também transformaram-se com a emergência do virtual, culminando em novos suportes, novos gestos e novas formas de sociabilidade em torno do ato de ler. A troca e o empréstimo de livros são parte deste conjunto de práticas e podem ser conferidas em *sites* como: Trocandolivros¹, Livralivro², Skoob³, Tempresto⁴, *Bookcrossing*⁵, entre outros. Esses ambientes facilitam trocas “livro por livro” e empréstimos entre usuários cadastrados, auxiliando ainda quanto a disponibilização e rastreamento de livros deixados em locais públicos ao redor do mundo (prática chamada de “*bookcrossing*” ou ainda “libertação de livros”).

A partir das considerações acima, propõe-se o tema empréstimos interpessoais de livros mediado por comunidades virtuais. Enfatiza-se que este estudo não procura tratar do empréstimo de livros digitais, tal como em um primeiro momento a associação de livros à uma comunidade virtual pareça indicar. Explora-se essa nova forma de apropriação da *internet* como auxílio à circulação de livros físicos, prática organizada e exercida pelos próprios leitores, sem o intermédio de instituições informacionais e formais como as bibliotecas.

Com cerca de 5.100 participantes, a comunidade denominada “Livro Viajante” iniciou seu desenvolvimento como um grupo do *site* de rede social Skoob, em 2010. Seu principal objetivo é realizar empréstimos entre os próprios participantes, criando assim uma rede de relações sociais baseada na confiança e interesse pela leitura. Para concretizar os empréstimos, determinadas regras e normas de conduta são expressas como guia geral de orientação para aqueles que desejam disponibilizar seus livros ou pedir emprestado os de outros participantes. Além do conjunto normativo básico existente no grupo, também está presente a valorização da liberdade individual de cada proprietário de livro, o que permite que cada indivíduo possa desenvolver regras próprias para seus “viajantes”, expressão utilizada para designação dos materiais em empréstimo.

¹ Disponível em <http://www.trocandolivros.com.br/>

² Disponível em <http://livralivro.com.br/>

³ Disponível em <http://www.skoob.com.br>

⁴ Disponível em <http://www.tempresto.com.br>

⁵ Disponível em <http://www.bookcrossing.com.br/>

Em face a essa forma autônoma e personalizada de circulação de livros, este trabalho visa compreender a prática de empréstimos interpessoais mediados por um ambiente *online*, inserindo o fenômeno dentro dos estudos biblioteconômicos. Para isso, utilizou-se uma abordagem etnográfica composta das técnicas de observação participante e entrevistas com os sujeitos. A imersão na comunidade foi realizada durante sete meses, a qual exigiu a participação da pesquisadora não somente no grupo principal, mas também nas extensões desenvolvidas pela comunidade: grupo de denúncias de má conduta nos empréstimos (Skoob) e grupo de discussões (Facebook).

É ainda oportuno salientar que a escolha da metodologia proposta originou-se na decisão sobre o uso do aporte teórico dos estudos de cibercultura, área que auxilia a refletir sobre aspectos afetivos e simbólicos da sociedade no virtual, necessitando portanto de procedimentos que permitissem responder tais questões de forma satisfatória.

1.1 Questão norteadora

Neste trabalho, optou-se por trabalhar a partir de uma questão norteadora ao invés da formulação de hipóteses. Entre as inquietações que motivaram a elaboração de uma questão norteadora e o estímulo principal dessa investigação, estão as formas de empréstimo interpessoal de livros, as transformações tecnológicas e as implicações sociais destas nas maneiras já habituais de empréstimo e circulação de livros, bem como as representações simbólicas que estão por trás dessas práticas.

Conforme a última edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2011, o empréstimo interpessoal é a segunda forma mais popular de acesso à livros no Brasil, a frente do acesso por empréstimo de bibliotecas, este em terceiro lugar. Entretanto, a população brasileira afirma possuir amplo conhecimento de bibliotecas em sua cidade ou bairro, considerando-as de fácil acesso (INSTITUTO, 2011, p.108; 117 - 119). Percebe-se, portanto, que apenas o acesso à bibliotecas não faz com que os leitores a utilizem como principal fonte de leituras. Nesse sentido, acredita-se que possam existir elementos mais atrativos na dinâmica de empréstimos do “Livro Viajante”, que seriam inexistentes em bibliotecas tradicionais.

Considerando que o “Livro Viajante” é uma comunidade virtual, é ainda importante ter em mente que o principal elemento em comunidades é a interação regular entre os participantes, o que a longo prazo gera capital social, solidificando as relações entre os membros (PRIMO, 1997, 2008; CASTELLS, 2003; RECUERO, 2005, 2008, 2009; CRUZ,

2010; LÉVY, 2010; LEMOS; LÉVY, 2010; CARRERA; PAZ, 2010). Esse pressuposto permite acreditar que a possibilidade de interação e o aumento de capital social é um dos fatores que determinam a realização de empréstimos interpessoais de livros, com maior destaque do que os empréstimos por bibliotecas.

A verificação e compreensão deste e de outros possíveis fatores, é um dos intentos desta pesquisa.

1.2 Justificativa

O empréstimo domiciliar de livros e outros materiais informativos é uma das principais funções de bibliotecas. Na produção científica brasileira de biblioteconomia, esse tema é abordado sob vários aspectos, desde o ponto de vista dos fatores técnicos que possibilitam os empréstimos (utilização de um bom sistema de automação de bibliotecas, indexação adequada, entre outros) até estudos de comportamento do usuário. No entanto, pouco é discutido sobre outras formas de empréstimo, tais como o empréstimo interpessoal.

Novamente citando os dados obtidos na terceira edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO, 2011), o empréstimo interpessoal de livros é mais utilizado em nosso país do que o empréstimo por bibliotecas. Sendo assim, percebe-se a importância de estudos orientados a essa modalidade de empréstimo, de forma a enriquecer a produção sobre formas de circulação da informação desvinculadas de centros informacionais tradicionais como bibliotecas.

Corroborando a pesquisa do Instituto Pró-Livro, este trabalho relata um caso de dinâmica de empréstimos interpessoais, organizada através de um meio virtual. De forma a desenvolver uma pesquisa nesse contexto, optou-se por solicitar auxílio aos estudos ciberculturais, decisão justificada a seguir.

Para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (OLIVEIRA, 2005 apud JANUÁRIO, 2010), a Ciência da Informação é um campo interdisciplinar por natureza, que possui como foco de estudo a investigação e análise de fenômenos relacionados à informação, como a circulação dessa informação na sociedade. Nesse sentido, Januário (2010) procura destacar os benefícios de relações desta área com a Comunicação, enfatizando que o objeto “informação” é o que essencialmente une as duas ciências, ainda que em diferentes contextos e aspectos. Segundo o autor,

[É] de vital importância o estreitamento da relação entre a Ciência da Informação e da Ciência da Comunicação visto que suas semelhanças atingem um bem comum e

suas diferenças destacam suas particularidades, que são essenciais para contextos específicos da sociedade. (JANUÁRIO, 2010, p.163)

Partindo da premissa de Januário (2010), considera-se aqui relevante o fato do presente estudo, inserido dentro da área de Ciência da Informação, interagir com o olhar da cibercultura, associada no Brasil principalmente à área de Comunicação⁶.

A cibercultura é definida por Lemos e Lévy (2010) como

[...] o conjunto tecnocultural emergente no final do século XX impulsionado pela sociabilidade pós-moderna em sinergia com a microinformática e o surgimento das redes telemáticas mundiais; uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social. (LEMOS; LÉVY, 2010, p.21-22)

Aportando-se nos princípios teóricos de uma área que procura ir além dos aspectos técnicos do virtual, acredita-se que a visão da cibercultura possa complexificar as discussões geradas na biblioteconomia que, usualmente, ficam circunscritas às potencialidades técnico-informacionais da *web*.

Visto que a comunidade “Livro Viajante” utiliza o ambiente *online* como base necessária para sua organização e dinâmica de empréstimos, acredita-se que a decisão pelo uso de reflexões sobre cibercultura possa auxiliar a compreender essas novas formas de uso da informação e da sociabilidade decorrente delas. O presente estudo ultrapassa assim os aspectos tecnicistas, explorando os aspectos simbólicos, de afetividade e dos sentidos que impulsionam os indivíduos a realizarem tal prática.

Por fim, o interesse por comunidades sobre leitura e a participação da autora no já citado *site* de relacionamento, agem como justificativa de cunho pessoal para este trabalho.

1.3 Objetivos

Como objetivo geral, pretende-se compreender a prática de empréstimos interpessoais mediados por um ambiente *online*, inserindo no contexto biblioteconômico. Isso abrange tanto a compreensão das questões de caráter normativo da comunidade, quanto da percepção dos participantes sobre seu funcionamento.

Os objetivos específicos, utilizados para o desdobramento do objetivo geral, constituem-se em:

⁶ Segundo Amaral e Montardo (2009) e Trivinho (TRIVINHO; CAZELOTO; 2009), é no Brasil que a cibercultura vincula-se fortemente à área da Comunicação, apesar de possuir caráter interdisciplinar. Em outros países ela possui associação também à outras áreas, como a Antropologia, Sociologia, Psicologia, Educação, entre outros.

- a) Identificar os diferenciais entre o empréstimo interpessoal de livros e o realizado por bibliotecas;
- b) Analisar o contexto de criação e funcionamento da comunidade virtual “Livro Viajante”;
- c) Descrever os mecanismos e regras de controle de empréstimos, utilizados pela comunidade;
- d) Identificar o conteúdo das discussões na comunidade;
- e) Averiguar o conhecimento e uso de outras formas de empréstimo e trocas de livros pelos participantes da comunidade;
- f) Verificar as formas de interação na comunidade;
- g) Conhecer a percepção e a relação dos participantes com bibliotecas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A comunidade virtual “Livro Viajante” pode ser considerada um agrupamento específico, dentro de um *site* de rede social de nicho, inserido dentro de uma aldeia maior, a *internet*. Para conseguir abordar satisfatoriamente esse objeto de pesquisa, realiza-se um caminho que parte da contextualização dos estudos de *internet*⁷ com destaque à cibercultura, passando pela teorização das redes sociais presenciais e virtuais, seu desmembramento nas redes sociais de nicho, até o conceito de comunidade virtual.

Como uma segunda seção da fundamentação teórica, são realizadas discussões sobre a relação entre bibliotecas e a circulação da informação, as diferenciadas formas de difusão da leitura e as transformações que as mesmas podem proporcionar nas práticas de leitura.

2.1 Estudos de *internet* e Cibercultura

O que chama-se atualmente de *internet* possui suas origens no ambiente militar da metade do século XX. Posteriormente, desenvolveu-se no meio acadêmico, mas seu uso amplo pela sociedade só foi liberado na década de 1990.

Segundo Castells (2003), a *internet* é uma criação cultural pois, assim como outras tecnologias, é o uso e a apropriação pelos indivíduos que a moldam. Para o autor,

[...] a Internet é uma tecnologia particularmente maleável, suscetível de ser profundamente alterada por sua prática social, e conducente a toda uma série de resultados sociais potenciais – a serem descobertos por experiência, não proclamados de antemão. (CASTELLS, 2003, p.10)

Essa modelagem da rede pelo uso é explicada por Castells (2003) com sua teoria das quatro culturas da *internet*, cada uma, a seu modo, imprescindível para o desenvolvimento desta tecnologia. Essas culturas estão dispostas hierarquicamente, sendo elas: a cultura tecnomeritocrática, a cultura *hacker*, a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial.

Inicialmente com interesses em reconhecimento acadêmico, as *tecnoelites*, como denominadas pelo autor, passaram a ceder lugar aos *hackers*, grupo de indivíduos que uniram a reputação científica à uma noção de liberdade: a da necessidade comum de compartilhamento de informações de forma irrestrita. A partir de uma maior popularização da

⁷ Seguindo o exemplo de Frago, Recuero e Amaral (2011), utilizamos neste trabalho o termo *internet*, com início em letra minúscula, de forma a compreender o termo como um substantivo e não como um nome próprio. De acordo com Markham e Baym (2009 apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011), esta decisão baseia-se nas tendências atuais dos estudos de *internet*.

rede, usuários não ligados aos valores tecnológicos, sem grandes conhecimentos técnicos como os *hackers*, contribuíram com as marcantes características da comunicação de livre expressão e a formação autônoma de redes (CASTELLS, 2003, p. 48). Na sequência, Castells observa uma quarta cultura, que age no sentido de aproveitar a *internet* para a realização de uma nova economia, esta que intensificou ainda mais a difusão dessa tecnologia.

A partir da explanação dessas dimensões e de sua articulação, pode-se observar que a *internet* é muito mais que uma tecnologia no sentido estritamente técnico, abarcando uma série de implicações sociais e culturais, de diferentes grupos que com ela se envolveram e a moldaram. Corroborando as ideias de Castells, Lévy (2010) também esclarece o crescimento da rede mundial de computadores, denominada por ele de *ciberespaço*, enfatizando a importância da utilização e apropriação da sociedade.

Traçando uma analogia com o desenvolvimento do correio, Lévy (2010) aponta que as técnicas postais por muito tempo eram utilizadas apenas para envio rápido de ordens. Apesar de sua longa existência, a inovação social do correio só emergiu no século XVII, afetando as relações entre as pessoas. De forma progressiva, vários pontos passaram a ser abrangidos pelas correspondências postais:

Foi dessa forma que floresceram as correspondências econômicas e administrativas, a literatura epistolar, a república européia dos espíritos (redes de sábios, de filósofos) e as cartas de amor...O correio, como sistema social de comunicação, encontra-se intimamente ligado à ascensão das ideias e das práticas que valorizam a liberdade de expressão e a noção de livre contrato entre os indivíduos. Podemos ver claramente, nesse caso, como uma infraestrutura de comunicação pode ser **investida por uma corrente cultural que vai, no mesmo movimento, transformar seu significado social e estimular sua evolução técnica e organizacional.** (LÉVY, 2010, p.127, grifo nosso)

Para o autor, três princípios norteadores regem o ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. Ainda que o primeiro elemento possua forte ligação à aspectos técnicos, os outros dois agem como o aspecto humano, os quais possuem importante papel na unificação e modelagem da rede. O conjunto desses elementos é explicado pelo teórico:

Cada um dos três aspectos constitui a condição necessária para isto: não há comunidade virtual sem interconexão, não há inteligência coletiva em grande escala sem virtualização ou desterritorialização das comunidades do ciberespaço. A interconexão condiciona a comunidade virtual, que é uma inteligência coletiva em potencial. (LÉVY, 2010, p.135)

Nesse sentido, reitera-se que apenas recursos técnicos não determinam o desenvolvimento de uma tecnologia, sendo necessária uma articulação com a apropriação daqueles que a utilizam. Essa compreensão, desenvolvida por muitos autores no início da década de 2000, impulsionou os estudos sobre *internet*. Iniciou-se assim uma perspectiva

mais madura sobre o tema, focada principalmente na sociabilidade e cultura decorrentes do uso e apropriação da rede.

Com o objetivo de traçar brevemente a evolução desses estudos, cita-se aqui a classificação temporal proposta por Postill (2010 apud AMARAL; MONTARDO, 2010; FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011), composta de três fases⁸: a) uma 1ª fase a partir do início dos anos 1990, levada pela novidade tecnológica, focava especialmente a polarização entre real e virtual, interação síncrona e assíncrona, entre outras dicotomias; b) por volta da segunda metade dos anos 1990, uma 2ª fase, a qual já percebia a *internet* dentro do cotidiano dos indivíduos, a comparando com outras mídias; c) 3ª fase já na década de 2000, com foco no uso e apropriação da *internet*. Nesta última fase, a abordagem metodológica possui maior aprofundamento do que nos estudos anteriores.

Baym (2005) reflete sobre os estudos de *internet* explorando diversas perspectivas acadêmicas sobre o tema, de forma a discutir especialmente as concepções dos que compreendem tais estudos ora como disciplina, ora como campo. Sobre este debate, tanto Baym (2005), quanto Fragoso, Recuero e Amaral (2011) decidem-se pelo reconhecimento dos estudos de internet como um campo multifacetado em formação, afirmação justificada pela existência de periódicos científicos específicos e associações⁹ dedicadas exclusivamente a estes estudos.

No Brasil, a cibercultura está intimamente relacionada aos estudos de *internet*, ainda que sejam definições diferentes. De acordo com Amaral e Montardo (2010), ambos podem ter uma relação inclusiva se o embasamento teórico utilizado assim permitir, mas destacam que na sua visão, os termos não são sinônimos, pois a cibercultura

[...]tomaria um espectro mais amplo de análise, incluindo outros tipos de tecnologia e discursos históricos, sociais, estéticos, etc. e mesmo ideológicos (utópicos ou distópicos) como afirmam Macek (2005), Turner (2006), Felinto (2007) e Rüdiger (2008). (AMARAL; MONTARDO, 2010, p.65)

Pesquisadores brasileiros definem cibercultura de forma similar, enfatizando principalmente as incursões sociais e culturais advindas da participação das tecnologias digitais na sociedade (AMARAL; MONTARDO, 2010). Nas palavras de Silva (TRIVINHO; COZELOTO, 2009, p.91)

A cibercultura emerge com o ciberespaço constituído por novas práticas comunicacionais (e-mails, listas, weblogs, jornalismo online, webcams, chatsetc.) e

⁸ Conforme Amaral e Montardo (2010) e Fragoso, Recuero e Amaral (2011), também é bastante utilizada o quadro de periodização de Wellman (2004 apud AMARAL; MONTARDO, 2010). No entanto, por critério de maior atualização, determinou-se aqui a preferência pela classificação de Postill.

⁹ Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p.31) destacam a Association of Internet Researchers (AOIR), fundada em 1998 nos EUA, como um dos principais elementos simbólicos demarcadores dos estudos de internet como campo. <http://aoir.org/>

novos empreendimentos que aglutinam grupos de interesse (cibercidades, games, software livre, ciberativismo, arte eletrônica, MP3, cibersexo etc.). (TRIVINHO; COZELOTO, 2009, p.91)

Um importante marco da institucionalização da área no Brasil é a Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber)¹⁰, fundada em 2006. Anualmente a ABCiber promove eventos interdisciplinares, além de já haver lançado duas publicações com importantes pesquisadores brasileiros de variados campos do conhecimento, objetivando assim delimitar a cibercultura como campo.

2.1.1 A sociedade em rede: do presencial ao virtual

Para chegar à discussão sobre comunidades virtuais, é antes necessário conhecer melhor os ambientes online que propiciam interações sociais. Nesse caso, é válido explorar teoricamente o tema redes sociais virtuais.

Uma rede social pode ser definida como um conjunto de atores¹¹ que estabelecem entre si conexões (interações) (RECUERO, 2005, 2008, 2009; RIBAS; ZIVIANI, 2008). Entretanto, diversos autores apontam a necessidade da distinção entre os conceitos de **redes sociais** e **redes sociais virtuais**, de forma a esclarecer a errônea associação cometida por usuários dos atuais *sites* de relacionamentos, muitas vezes denominados popularmente apenas como **redes sociais** (RECUERO, 2005, 2009; CRUZ, 2010; FERREIRA, 2011). Tomando a definição de Recuero (2009), as redes sociais sempre existiram, ainda que tenham começado a ser estudadas somente no século XX. Antes disso, estudos de redes eram realizados desde o século XVIII, mas sem a perspectiva social.

As redes sociais virtuais, por sua vez, possuem algumas peculiaridades que as complexificam, tornando-as mais do que mera transposição de redes sociais do meio presencial para o virtual. Inicialmente, uma rede social virtual necessita de um ambiente *online* para expressar-se, ou seja, um meio técnico que permita a visibilidade dos atores e conexões. Os meios mais conhecidos são os *sites* desenvolvidos especificamente para a exposição das redes sociais, denominados *Sites* de Redes Sociais (SRS) (RECUERO, 2005, 2008, 2009; CRUZ, 2010; FERREIRA, 2011). Entretanto, outros ambientes podem cumprir

¹⁰ <http://abciber.org.br/>

¹¹ Denominação utilizada por Recuero (2009) para referir-se aos **nós** da rede, sejam eles pessoas, instituições ou grupos.

essa função quando apropriados pelos interagentes¹², tais como *blogs*, *microblogs* e fóruns. São denominados por Recuero (2009) de *Sites* de Redes Sociais apropriados.

No meio *online*, os atores são na verdade as suas representações, construídas através do auxílio de perfis (RECUERO, 2009). O ambiente virtual, especialmente os SRS, oferecem uma ampla abertura para a construção da identidade do indivíduo, possibilitando diversas formas de personalização, seja na escolha da imagem que o representará na rede, seja nos tipos de elementos que associará ao seu perfil (como comunidades, descrições, entre outros).

Portanto, por serem locais essencialmente sociais, é necessário definir os tipos de interações que ocorrem na mediação por computador. Primo (2008) distingue duas interações mediadas por computador: a **interação mútua** e a **interação reativa**. A primeira está relacionada à conversação entre os interagentes, na qual ambos são afetados mutuamente. O autor afirma ser impossível realizar a previsão desse tipo de interação, pois os indivíduos são transformados a cada negociação conversacional. A reação reativa, por sua vez, está circunscrita ao estímulo e resposta, sempre culminando em um mesmo resultado. Ambas as interações são importantes para trocas simbólicas na internet, mesmo as reativas, que podem dar início a uma interação mútua (tal como o ato de adicionar alguém em um SRS – interação reativa - pode concretizar a conexão entre dois indivíduos, que a partir de então podem trocar mensagens entre si – interação mútua.).

Derivadas da interação, há ainda a noção de laços sociais, definida por Recuero (2009, p. 38) como “formas mais institucionalizadas de conexão entre atores, constituídos no tempo e através da interação social.” Breiger (1974 apud RECUERO, 2009), entretanto, compreende que os laços sociais entre os indivíduos não são exclusivamente constituídos através da interação, podendo ocorrer também através da associação. Um exemplo disso seria o sentimento de pertencimento a um mesmo grupo. Decorrente dessa percepção, Recuero (2009) passa a utilizar a denominação **laços dialógicos** para relações de interação, e **laços associativos** para relações do tipo de pertencimento, como a exposta por Breiger. A autora constrói sua tipologia de laços relacionando-as com as interações proposta por Primo (2008), como pode ser observado na Figura 1.

Quadro 1 - Relação entre laços sociais e tipos de interações mediadas por computador

¹² Primo (2008) sugere o uso do termo “interagente” como uma tradução livre do conceito *interactant* em pesquisas de comunicação interpessoal, referindo-se ao indivíduo que participa de uma interação. O mesmo autor critica o uso do termo “receptor”, afirmando que há muito superou-se a ideia de passividade implicada no conceito, bem como o termo “usuário”, este que reduziria o aspecto comunicacional do sujeito. Segundo o autor, usuário é aquele que “usa algo, não alguém” (PRIMO, 2008, p.12), portanto, o termo não seria apropriado para figurar em estudos de cibercultura, uma vez que reduz à interação ao consumo.

Tipo de laço	Tipo de interação	Exemplo
Laço associativo	Interação reativa	Decidir ser amigo de alguém no Orkut, trocar <i>links</i> com alguém no <i>Fotolog</i> , etc.
Laço dialógico	Interação mútua	Conversar com alguém através do MSN, trocar recados no Orkut, etc.

Fonte: RECUERO, 2009, p.40

A intensidade dos laços é outra classificação utilizada nos estudos de redes sociais, relacionada ao nível de intimidade entre os interagentes. Recuero (2009) destaca a tipologia de Granovetter (1973 apud RECUERO, 2009) que determina a existência de **laços sociais fortes e fracos**. O primeiro tipo indica a proximidade dos indivíduos, enquanto que o segundo é observado nas relações sociais esparsas, mas necessárias para o funcionamento da rede.

A articulação dessas interações e laços estimulam a formação de **capital social**, outro fator relevante em agrupamentos virtuais. A noção de capital social é compreendida por Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p.123), baseada em diversos teóricos, como

[...] um conjunto de recursos de um determinado grupo (recursos variados e dependentes de sua função, como afirma Coleman, 1990) que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade (de acordo com Putnam, 2000). Ele está embutido nas relações sociais (como explica Bourdieu, 1983) e é determinado pelo conteúdo delas (Bertolini e Bravo, 2004).

Capital social, apesar de ser um conceito amplo, refere-se basicamente ao conjunto de valores criados por um grupo social (CARRERA; PAZ, 2012; FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011; PRIMO, 1997; RECUERO, 2005; 2008, 2009). Dentro dessa noção maior, vários tipos de recursos estão acessíveis aos interagentes por meio da rede: relacional (laços, conexões e relações entre os interagentes), normativo (conjunto de valores estipulado pelo grupo), cognitivo (relativo às informações trocadas), confiança no ambiente social e institucional (inclui as instituições formais e informais constituídas na estrutura de um grupo), conforme formulado por Bertolini e Bravo (2001 apud RECUERO, 2009).

Tais recursos se dividem em dois grupos: o capital social de primeiro nível ou individual, composto pelos três primeiros itens citados no parágrafo anterior, e o capital social de segundo nível ou coletivo, formado pelos dois últimos itens. Para Recuero, o primeiro nível é condição necessária para o segundo (RECUERO, 2009).

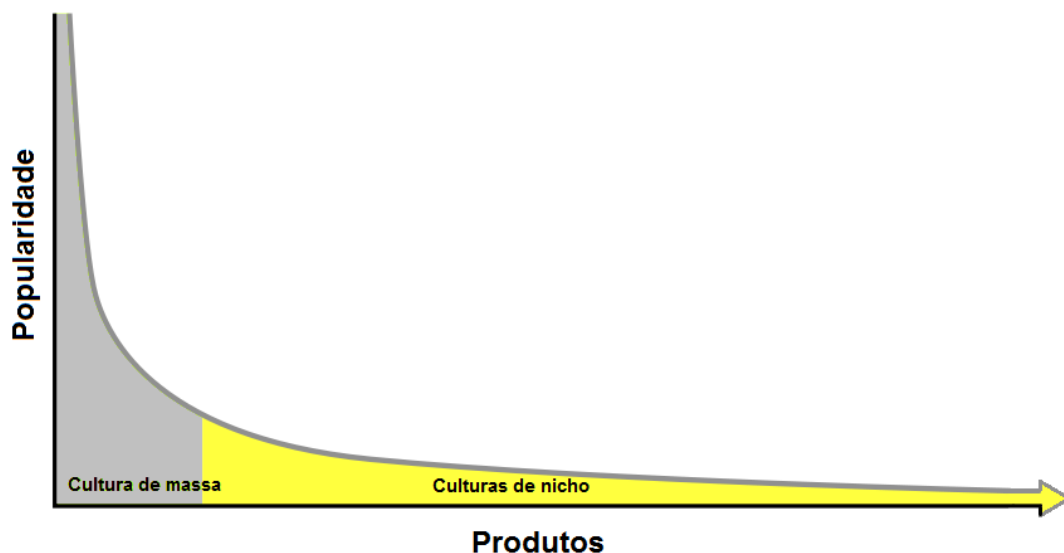
Observa-se assim uma série de propriedades das rede sociais relativas às relações entre os interagentes. Muitos destes elementos valem para os SRS de nicho e comunidades virtuais, alguns deles até mesmo sendo intensificados, como será visto a seguir.

2.1.2 A emergência das subculturas na rede

Atualmente, a cultura de nicho vem cada vez mais adquirindo seguidores na internet. Essas subculturas, denominadas assim em oposição à cultura dominante, significam subgrupos com interesses mais definidos e particulares.

Para explicar a crescente adesão aos nichos, Anderson (2006) propõe a teoria da **Cauda Longa**, como pode ser observado na figura a seguir.

Figura 1 - Gráfico da Cauda Longa



Fonte: Adaptado de Anderson, 2006

O gráfico proposto por Anderson (2006) nos mostra que o consumo de produtos voltados a interesses específicos é cada vez maior e em sua soma pode superar o consumo dos produtos de massa, os chamados *hits*. Para o autor, isso ocorre devido as tecnologias digitais permitirem que os produtos ocupem menos espaços em lojas (pois não necessitam mais exclusivamente de lojas físicas), o que aumentaria a variedade de oferta. Para além do aspecto comercial, isto afetaria a cultura no sentido de que uma multiplicidade de escolhas seriam proporcionadas pela internet, permitindo que todo indivíduo pudesse satisfazer seus interesses específicos (ANDERSON, 2006).

Vin Crosbie, analista de mídia, reflete sobre o fenômeno da Cauda Longa, as mudanças que acarreta e a fragmentação da cultura como algo positivo:

[...] cada vez mais pessoas as quais, até então, usavam apenas os meios de massa *genéricos*, pois não dispunham de nada além disso, migraram para essas publicações, canais ou sites especializados, em vez de continuar a usar apenas as publicações, canais ou sites de massa. Cada vez mais pessoas usam cada vez menos os meios de massa. E esse “cada vez mais” em breve será maioria. As pessoas não mudaram; as populações sempre foram fragmentadas. O que está mudando são seus hábitos de uso dos meios de comunicação. Agora, estão simplesmente atendendo a seus interesses fragmentados. Há tantos fragmentos quanto pessoas. Sempre foi assim e sempre será. (CROSBIE apud ANDERSON, 2006, p.180)

A proposta de Anderson atua no âmbito das redes sociais ao auxiliar a compreensão sobre a emergência das redes sociais de nicho (também denominadas redes sociais segmentadas ou temáticas). Esta denominação é adotada com o objetivo de destacar a oposição em relação aos sites de redes sociais genéricos ou de propósito geral (CARRERA; PAZ, 2012).

Em SRS de nicho, é comum a existência de recursos que possibilitem a construção e compartilhamento de referenciais simbólicos vinculado ao principal tema de interesse da rede, como aponta Carrera e Paz (2012). Em um SRS de moda como o Lookbook.nu¹³, observa-se a importância de elementos como o *hype*, tipo de voto dado às fotos postadas por outros participantes. Uma foto de *look* com alto número de *hypes* corresponderia a uma alta chance de visibilidade e, decorrente disso, popularidade (SANTOS, 2010).

Uma característica marcante de agregações mais focadas, como os SRS de nicho, é a tendência à formação de laços fortes, uma vez que a afinidade entre os participantes tende a ser maior, possibilitando uma maior aproximação (RECUERO, 2009).

Atualmente, cada vez mais os SRS de nicho possuem conexões com SRS genéricas, possibilitando um único ambiente de conexão. Segundo Carrera e Paz (2009), os SRS de nicho não estão em uma relação de concorrência com os SRS generalistas, mas sim em uma relação de complementação. Vinculado a essa discussão, outro fenômeno que está se popularizando é a preocupação dos SRS genéricos em ter seus próprios recursos de valorização do nicho. Tomando o SRS Facebook como exemplo, recentemente o site inovou com o oferecimento de seções específicas para leituras e filmes assistidos, incluindo elementos como avaliação e marcação de etiquetas (FACEBOOK, 2013).

Salienta-se ainda que os SRS de nicho, apesar de agregarem indivíduos em torno de um interesse específico, não devem ser confundidos com comunidades virtuais. Estas

¹³ Disponível em <http://lookbook.nu/>

possuem suas peculiaridades, sendo definidas principalmente pelas interações constantes e em longo prazo, como será abordado a seguir.

Assim como as redes sociais, o surgimento das comunidades virtuais também possui raízes anteriores à *internet*. Outros tipos de comunidades estabelecidas à distância, como os colégios invisíveis¹⁴ e a prática de *pen pal*¹⁵, existem desde a popularização dos serviços postais. Contudo, o conceito de comunidade virtual, desenvolvido no contexto da rede mundial de computadores, tornou-se alvo de muitas discussões devido à falta de compartilhamento de uma área geográfica entre seus participantes, importante elemento na noção tradicional de comunidade (PRIMO, 1997). Em resposta à essa discussão, Lemos (2002 apud RECUERO, 2009), afirma que o que importa em uma comunidade virtual não é seu território físico, mas simbólico.

De fato, diversos autores convergem neste aspecto, um dos demarcadores do conceito utilizado atualmente. Comunidade virtual pode ser definida como um aglomerado de pessoas em um ambiente *online*, reunidas em torno de um interesse em comum. Em adição a isso, o sentimento de pertencimento ao grupo e as interações sociais constantes são importantes elementos que a constituem e distinguem de outras agregações de indivíduos na rede. (PRIMO, 1997; CASTELLS, 2003; RECUERO, 2005, 2008; 2009; RIBAS; ZIVIANI, 2008; CRUZ, 2010; LÉVY, 2010; LEMOS; LÉVY, 2010).

Como toda comunidade, comunidades virtuais também são regidas por determinados códigos de conduta entre seus membros. Para Lévy (2010), alguns dos princípios prezados pelos interagentes são: respeitar o assunto principal da comunidade, não enviando informações impertinentes; sempre consultar as informações já enviadas no passado, de forma a não repetir questões já discutidas e disponíveis para consulta; e não utilizar a comunidade para publicidade comercial.

Destacados os principais aspectos relativos à interação social no ambiente *online*, a seção a seguir é dedicada ao tema leitura, abordando suas formas de difusão e sociabilização, encontradas principalmente na literatura biblioteconômica.

¹⁴ Colégios invisíveis são grupos de pesquisadores que produzem sobre uma mesma área, mas que não estão fisicamente próximos. Além disso, os membros destes grupos podem não trabalharem em uma mesma instituição, serem de distintas nacionalidades e falarem diferentes idiomas. Através das interações entre os indivíduos, sejam mediadas por cartas ou pelo computador, são estabelecidas comunicações informais sobre seus interesses de pesquisa. Como designação da transposição dos colégios invisíveis para o meio digital, Moreira (2005) utiliza o termo *colégios virtuais*.

¹⁵ Recuero (2009, p. 135) define *pen pal* e explica a relação desta prática com o conceito de comunidade virtual: “Várias pessoas, de diferentes lugares do mundo, escreviam-se umas às outras, interagindo e conhecendo-se e mantendo os laços sociais à distância. Embora o procedimento não fosse unicamente direcionado para grupos, mas para indivíduos, era possível interagir em grupo.”

2.2 Bibliotecas, leituras e leitores

Estudos de história da leitura apontam o ato de ler em suas mais diversas nuances: finalidades (para distração, para erudição ou memorização), formas de ler (em silêncio, em voz alta, em grupos ou de forma solitária), suportes e formatos (argila, pergaminho, códice... livro de bolso, livretos, livros de orações e de imagens, hipertextos), símbolos (intelectualidade, poder, rebeldia, distinção financeira, social e espiritual), posturas e locais de leitura, máquinas e mobiliários auxiliares, entre outras. Procura-se aqui distinguir as formas de circulação da leitura e a sociabilidade decorrente delas.

De forma a iniciar a discussão sobre esse tema, ressalta-se a abrangência de possibilidades e a complexidade que os estudos sobre leitura proporcionam:

[...] projetar explicações para as práticas de leitura exige compreendê-las como construtos sócio-culturais que só adquirem sentidos a partir da urdidura de inúmeras variáveis que, em nenhum momento, se isolam, encerrando em si, modos, ritmos, intensidades e desejos que variam de texto para texto e de leitor para leitor, da mesma forma que devemos tentar apreender as maneiras como estas se efetivam, nos vários lugares onde se desenvolvem. (SILVEIRA, 2012, p.149)

Frente a gama de aspectos relacionados à leitura, é interessante observar de que forma o tema é discutido no âmbito biblioteconômico, área também responsável por esse debate. Inicialmente, é oportuno refletir sobre o imaginário relacionado ao livro, tradicional emblema da leitura.

É visível que os bibliotecários são alguns dos profissionais mais interessados pela discussão sobre seu fazer e seu ambiente de trabalho, conforme a profusão de trabalhos que discutem sua profissão. Apesar de ocuparem-se do tratamento da informação em seus mais diversos suportes, é o códex o seu maior símbolo. Não por menos, livros e bibliotecas agem no imaginário popular como palácios do saber, locais com aura sagrada onde todo o conhecimento do universo reside. Em “A biblioteca de Babel”, conto do argentino Jorge Luis Borges, a biblioteca é tratada de uma perspectiva magnificente:

a Biblioteca é total e [...] suas prateleiras registram todas as possíveis combinações dos vinte e tantos símbolos ortográficos (número, ainda que vastíssimo, não infinito), ou seja, tudo o que é dado expressar: em todos os idiomas. Tudo: a história minuciosa do futuro, as autobiografias dos arcanjos, o catálogo fiel da Biblioteca, milhares e milhares de catálogos falsos, a demonstração da falácia desses catálogos, a demonstração da falácia do catálogo verdadeiro, o evangelho gnóstico de Basilides, o comentário desse evangelho, o comentário do comentário desse evangelho, o relato verídico de tua morte, a versão de cada livro em todas as línguas, as interpolações de cada livro em todos os livros; o tratado que Beda pôde escrever (e não escreveu) sobre a mitologia dos saxões, os livros perdidos de Tácito. (BORGES, 2007, p.73)

A imponência desses acervos de livros e sua relação com o conhecimento é ainda tema de diversas outras criações literárias, citando algumas como “Auto de fé” de Elias Canetti e “O nome da rosa” de Umberto Eco.

Silveira (2012) também procura defender a biblioteca como intimamente vinculada aos livros, no imaginário coletivo. Todavia, deve-se ponderar sobre a relação entre o objeto físico livro (ou seu conjunto, a biblioteca) e o ato de ler (e quanto a este, ainda deve ser pensado qual o tipo de leitura que está presente na associação). Livros e bibliotecas não necessariamente estão sempre relacionados à leituras prazerosas, como muitas vezes são consideradas as leituras literárias.

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2011, a biblioteca representa, para a população brasileira, um local de estudo, pesquisa e voltado para estudantes (INSTITUTO; 2011, p. 119). A associação da biblioteca à leitura literária figurou muito abaixo dessas respostas.

Considerando a importância do imaginário como apontada por Silveira (2012), devemos rever a situação atual brasileira, a qual concede às bibliotecas uma aura mágica, mas superficial e na esfera do senso comum. Outros dados obtidos pelo Instituto Pró-Livro, apontam que 70% da população não frequenta bibliotecas, apesar de afirmarem que estas são de fácil acesso. A esses não-frequentadores, foi lhes perguntado o que os faria frequentarem uma biblioteca, no que a maioria respondeu que nada os faria frequentá-la. (INSTITUTO; 2011, p. 120; 125).

Entretanto, não se acredita que estes dados confirmem uma falta de interesse pela leitura, pois a biblioteca e os centros informacionais não são os únicos locais onde a informação pode ser encontrada, apesar de direcionados para esse sentido. É necessário perceber que a população possa estar buscando preencher suas necessidades informacionais, especialmente literárias, em outros locais. Cabe, então, ao bibliotecário conhecer essas diferentes formas e processos de circulação da leitura.

A biblioteconomia, ao tratar do incentivo à leitura, vale-se de diversas estratégias. Podem ser citados os projetos de bibliotecas móveis e atividades de leitura em locais carentes de centros informacionais, como orfanatos e presídios. É curioso perceber que na maioria das estratégias desenvolvidas há sempre a presença de um mediador de leitura. Não são comuns ideias que estimulem a auto-organização dos leitores, ou seja, a promoção da circulação da informação principalmente entre os próprios interessados, sem a necessidade de uma instituição biblioteconômica ou um mediador de leitura envolvidos.

Para ilustrar as vantagens que podem ser obtidas de perspectivas valorizadoras da autonomia do leitor, cita-se o projeto “Livro Livre Salvador”, concebido pelo Núcleo de Extensão do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, lançado em 2008. O projeto objetivou a disponibilização de livros em uma ampla praça da cidade de Salvador, para aquisição livre, ressaltando-se que os livros deveriam ser passados adiante após a leitura, promovendo assim uma livre circulação (CUNHA, 2011). Essa ideia foi inspirada na prática de *Bookcrossing*, já mencionada anteriormente.

O “Livro Livre Salvador” age na arrecadação, processamento e disponibilização dos livros, sendo portanto um grande mediador da leitura. No entanto, as escolhas dos títulos e a trajetória dos livros a partir do leitor inicial não são acompanhadas, deixando o destino dos exemplares aos cuidados e interesses dos participantes.

É oportuno enfatizar que não se aponta aqui o desprestígio ou mesmo a erradicação das bibliotecas, mas sim uma nova perspectiva que a signifique muito além de sua tradicional imagem institucional. Um exemplo são as bibliotecas pessoais, pouco abordadas na bibliografia brasileira de biblioteconomia. Moles (1978) trata do tema de forma instigante, ainda que focando apenas um dos aspectos da biblioteca pessoal: como extensão do intelectual. O autor considera que a biblioteca pessoal é a representação da personalidade cultural de seu proprietário, o que não significa que o material acumulado seja prova do real saber do indivíduo, mas apenas a exposição do que este assimila como parte de sua identidade. Em oposição às bibliotecas públicas, o autor (1978) considera que geralmente os livros dessas bibliotecas não são emprestados ou doados, pois estão vinculados de forma tão íntima ao seu dono, que “emprestá-los seria como o ginasta emprestar a sua perna” (MOLES, 1978).

Longe de ser visto como um ato de egoísmo, deve-se observar os acervos pessoais como mais um dos tantos recursos ativos na construção de identidade. Enfatiza-se que o “pessoal” do termo pode não estar relacionado ao privado no sentido de recluso, longe dos olhos de outros; mas pelo contrário, para ser visto por outros indivíduos. Moles (1978. p.41), manifesta-se nesse sentido, colocando-se com um dos intelectuais proprietários de bibliotecas:

Estudando minha biblioteca, [...] vós, visitantes, podereis conhecer meu espírito, o que se trata de uma habilidade de que todo intelectual sabe praticar quando olha de soslaio a biblioteca de outro membro do mesmo gueto intelectual a quem esteja visitando. Eis aí um processo clássico de espionagem na cidade dos intelectuais.

Tal elemento simbólico de afirmação do “eu” não se restringe apenas aos acervos físicos, pois também pode ser observado nas estantes virtuais presentes em SRS de leitura, mostrando o deslocamento da prática de demonstração de erudição (CARRERA; PAZ, 2012).

Entre as bibliotecas públicas e pessoais, pode-se ainda pensar em uma nova tipologia, a qual será denominada aqui de *bibliotecas invisíveis*, uma vez que não foram encontradas conceituações sobre o fenômeno. Essa noção corresponderia aos diversos exemplares em constantes viagens, passando de mão em mão por vários indivíduos ao redor de uma comunidade (seja ela constituída presencialmente ou virtualmente) ou mesmo ao redor do mundo. Mais do que o simples empréstimos pessoal de livros, a biblioteca invisível constitui-se em uma forma monopolizada de trocas, colocando o leitor como participante ativo das decisões normativas.

Com o lema “Ler, Registrar e Libertar”, o projeto *Bookcrossing* é o pioneiro nesse sentido. Criado em 2001, objetiva “transformar o mundo em uma biblioteca” promovendo a distribuição de livros em locais públicos, para serem encontrados, lidos e repassados adiante. Esse processo é também reconhecido por outras expressões, tais como “libertação de livros”, ou “viagem”, entre outros. Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, a circulação de livros não é desprovida de ordem e cuidados. O *site* serve como rastreador dos materiais, oferecendo um código para cada exemplar libertado, denominado BCID (*BookCrossing Identification Number*). Registrado em uma etiqueta afixada ao livro, juntamente com outras informações sobre a prática de *Bookcrossing*, o novo leitor que encontrar o exemplar pode inserir o código no *site* e registrar o local em que o encontrou. Comentários sobre a leitura são incentivados pela iniciativa, que oferece um espaço especial na ficha virtual dos exemplares, traçando assim a trajetória do livro.

Além de “viagens” proporcionadas pela iniciativa de leitores individuais, há também os pontos oficiais de *bookcrossing*, definidos pelo projeto como:

[...] espaços abertos ao público, como cafés, lojas, restaurantes, hotéis, escolas etc., escolhidos pelos membros do movimento para libertarem livros com a autorização do gerente ou proprietário do estabelecimento. Estes locais possuem uma prateleira ou uma estante especialmente para os livros e encontram-se identificados com cartazes e adesivos do movimento. Podem funcionar também como local de encontro de bookcrossers. (PONTOS, 2013)

Bookcrossing expandiu-se e tornou-se uma prática, indo muito além do *site* original. A inclusão do termo no Dicionário *Concise Oxford* de língua inglesa confirma o crescimento dessa ideia. Decorrente dessa, outras concepções surgiram com propostas similares, também auxiliadas por ferramentas digitais. Os *sites* TrocandoLivros, Tempresto e o projeto BigLib também objetivam auxiliar na circulação de livros pessoais, acrescentando a vantagem de escolha dos títulos e participantes com que realiza-se a troca.

Sendo assim, determina-se as seguintes características para as atuais bibliotecas invisíveis: a) circulação livre de livros, sem instituições como intermediárias; b) mecanismos

normativos mais flexíveis, negociados com os leitores; c) conteúdo com potencial ilimitado devido a inexistência de limites físicos; d) formação de laços sociais (quando repassados para outros indivíduos, e não libertados em ambientes públicos).

Novamente, esclarece-se que o objetivo aqui não é destituir o bibliotecário (ou a instituição biblioteca) como mediador de leitura, mas sim valorizar também os próprios leitores como mediadores e criadores de suas próprias estratégias de circulação de leituras.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Visando proporcionar uma visão geral sobre o fenômeno dos empréstimos interpessoais de livros na *internet*, a presente pesquisa enquadra-se como exploratória (GIL, 2008), utilizando para seu desenvolvimento uma abordagem etnográfica, considerada um método qualitativo de pesquisa. Como técnicas, são utilizadas a observação participante da comunidade e entrevistas mediadas por comunicador instantâneo¹⁶.

A seguir, maiores considerações são tecidas sobre as escolhas realizadas quanto aos procedimentos metodológicos.

3.1 Abordagem etnográfica aplicada ao ambiente virtual

Segundo Minayo (2012), em uma pesquisa a metodologia não é escolhida ao acaso, mas sim deve advir da teoria, sendo ambas inseparáveis. A autora alerta que a metodologia não deve ser considerada externa como muitas vezes o é em pesquisas científicas, mas “[...] ser capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática.” (MINAYO, 2012, p. 15).

Com base nessa premissa, a escolha da abordagem etnográfica para este trabalho originou-se nas reflexões sobre os estudos de cibercultura. Como já citado anteriormente, uma vez que as práticas sociais e culturais ocorridas no ciberespaço não se diferenciam essencialmente das práticas estudadas no ambiente presencial - apenas possuem características peculiares proporcionadas pelo ambiente virtual -, a etnografia é uma das abordagens possíveis para este tipo de estudo, como será exposto a seguir.

A etnografia é um método originário da antropologia, utilizado para melhor compreender práticas culturais específicas. Pode-se citar como um estudo clássico etnográfico o trabalho do antropólogo Bronislaw Malinowski intitulado “Os argonautas do Pacífico Ocidental”, publicado em 1922. Malinowski estudou por quatro anos os nativos de uma ilha do Pacífico utilizando a observação participante e a escrita de um diário de campo como principais elementos de sua abordagem. Esse trabalho influenciou muitos outros, demarcando três elementos-chave para a inserção em outra cultura (MALINOWSKI, 1984 apud MINAYO, 2012): a necessidade de uma trajetória teórica, a importância da observação participante e a organização e apresentação das evidências obtidas através de técnicas de coleta de dados.

¹⁶ São exemplos as ferramentas *online* Skype e Google Talk.

Para Lévi-Strauss, a identidade entre sujeito e objeto é um dos elementos centrais da etnografia. De acordo com o antropólogo, “Numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador é, ele próprio, uma parte da observação.” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p.215 apud MINAYO, 2012, p. 13). Percebe-se então, que a experiência afetiva entre pesquisador e objeto, fator que em outras ciências poderia ser considerado duvidoso e pouco objetivo, nas ciências sociais torna-se um ponto forte.

Em meados dos anos 1990, com a popularização da *internet*, a transposição da etnografia para ambientes *online* passou a ser discutida, gerando debates de como a antropologia deveria lidar com esta nova situação (ROCHA; MONTARDO, 2005). Uma das principais questões discutidas girava em torno de uma “essência” da etnografia que viria a perder-se no virtual. Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p.171) explicam que a descrença da antropologia relacionada à cibercultura estava relacionada à dissolução espaço-temporal do virtual, o que impediria a “ida ao campo”, elemento fundamental da etnografia. Ainda de acordo com as autoras, para os antropólogos mais ortodoxos isso também impediria o deslocamento e estranhamento do pesquisador com a cultura estudada, descaracterizando assim o fazer etnográfico.

Após a discussão com a antropologia, dentro dos próprios estudos de *internet* surgem outras questões relativas a apropriação da etnografia, tais como a oposição entre *online* e *offline*, público e privado, a validade dos estudos devido à desterritorialização proporcionada pela internet, entre outros (AMARAL, 2010; FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

É necessário salientar outros termos utilizados para a abordagem etnográfica no ciberespaço para justificar assim o termo aqui escolhido. Em face à falta de uma terminologia consolidada, foram criados neologismos como “netnografia” e “webnografia” que, criticados por alguns autores, caberiam sob o termo “ciberantropologia” (AMARAL, 2010; FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

Para Amaral (2010), estes termos não propõem mudanças significativas para a etnografia, carecendo de reflexões mais profundas sobre sua materialidade. Hine (2000; 2005 apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011) popularizou o termo “etnografia virtual” em seus primeiros trabalhos, posição que mais tarde a própria autora questionou, perguntando-se se a “etnografia virtual” não teria simplesmente voltado à “etnografia”.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) decidem por utilizar o termo etnografia ou abordagem etnográfica para o uso com os estudos de internet. No entanto, as autoras enfatizam que devem ser realizadas reflexões sobre as diferenças entre as variações entre *online* e *offline* quando utilizada essa abordagem.

3.1.1 Delimitação do campo

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, a amostragem selecionada prioriza o estudo em profundidade, sendo portanto considerada intencional. Segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2011), as amostras intencionais são estratégicas, residindo na seleção de casos informacionalmente ricos. São úteis para o estudo de objetos e fenômenos de origem recente, pois podem registrar a existência de situações até então desconhecidas.

O objeto analisado é a comunidade virtual “Livro Viajante”, a qual utiliza como meio de comunicação central o grupo “Livro Viajante” no SRS Skoob. A análise compreende ainda outros ambientes utilizados pela comunidade, destacando-se o grupo “Livro Viajante - lista cinza e lista negra” no SRS Skoob e o “Livro Viajante – o original” no SRS Facebook.

O grupo central base possui aproximadamente 5.100 membros e cinco moderadores. Sua dinâmica é a de fórum, a qual permite a criação de tópicos e suas respectivas respostas, conteúdo totalmente aberto ao público.

3.1.2 Coleta de dados

As técnicas utilizadas para coleta de dados são bastante variadas na abordagem etnográfica adaptada para o ciberespaço. É comum o uso de *websurveys*¹⁷, entrevistas informais através de comunicadores instantâneos, inserções em eventos *offline* e observação sistemática de perfis e/ou tópicos (ROCHA; MONTARDO, 2005; AMARAL, 2010; FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011)

A coleta de dados foi realizada de duas formas:

- a) Observação participante da comunidade, utilizando como instrumento o diário de campo¹⁸.
- b) Entrevistas com os participantes e moderadores, realizadas através de comunicadores instantâneos. Como instrumento, foram utilizados roteiros semiestruturados específicos para cada grupo de entrevistados, a partir de um roteiro base¹⁹. Um roteiro semiestruturado combina perguntas abertas e fechadas, permitindo ainda a possibilidade de discorrer sobre o tema para além da questão formulada (MINAYO, 2012).

¹⁷ Pesquisas de opinião *online*.

¹⁸ Um trecho do diário de campo pode ser observado no Apêndice B.

¹⁹ O roteiro base das entrevistas pode ser observado no Apêndice A.

É ainda oportuno mencionar a necessidade de registro das conversações realizadas (MINAYO, 2012; GIL, 2008). No caso deste trabalho, foram utilizados *softwares* de conversação *online* que permitiram o registro das conversas pela gravação de *logs*, expressão utilizada para referir-se ao registro de dados computacionais. Nesse arquivo são registradas as falas de cada interagente, juntamente com o horário de cada, para fins de análise posterior.

Quanto à observação participante, Minayo (2012, p.70) considera que:

A filosofia que fundamenta a *observação participante* é a necessidade que todo pesquisador social tem de relativizar o espaço social de onde provém, aprendendo a se colocar no lugar do outro. [...] no trabalho qualitativo, a proximidade com os interlocutores, longe de ser um inconveniente, é uma virtude e uma necessidade.

Ainda que etnografia signifique literalmente a descrição de um povo (ANGROSINO, 2009), Amaral (2010) destaca que não se deve tomar pesquisas com simples etapas observacionais e descritivas como estudo etnográfico. Segundo a autora, essa interpretação simplificada da etnografia não é incomum, mas errônea. A etnografia não se limita à observação, prezando também a densidade da análise e reflexões dos dados coletados (AMARAL, 2010).

A seleção dos entrevistados decorreu da observação participante e ocorreu ao fim desse período, o que permitiu visualizar os indivíduos com maior participação na comunidade. Este alto teor de atividade no grupo tende a aumentar a possibilidade de informações significativas e variadas para o estudo. Corroborando essa ideia, Recuero (2009) aponta que é o núcleo da comunidade virtual que a mantém, ou seja, seus elementos mais ativos. De acordo com a autora, é no centro “[...] que existe o comprometimento, a organização e a predominância de laços fortes.” (RECUERO, 2009, p.146)

Para determinar o tamanho da amostra de moderadores e participantes entrevistados, foi utilizado o critério de saturação (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011; MINAYO, 2012), momento em que as informações obtidas passam a repetirem-se conforme as entrevistas vão sendo realizadas, não emergindo novas ideias. Sete participantes foram selecionados por possuírem papéis significativos na comunidade: criador do grupo, moderador, escritor, organizador de gincanas e amigos secretos, participante com grande poder de interatividade no grupo, responsável por biblioteca e, ainda, um membro que diminuiu significativamente sua atividade na comunidade no último ano (este indicado pelos outros selecionados).

A observação do grupo ocorreu de junho de 2013 a janeiro de 2014 e as entrevistas em dezembro de 2013. Determinou-se que as entrevistas seriam realizadas nos últimos momentos da observação, de forma que a pesquisadora já houvesse tomado familiaridade com a

comunidade, durante os meses anteriores. Assim, foi possível focar o roteiro semiestruturado nos pontos em que não se conseguiu atingir somente com as observações e conversas informais.

3.1.3 Análise e interpretação dos dados

Para Gomes (MINAYO, 2012), a análise consiste na organização coerente dos dados. Ainda de acordo com o autor, “[...] na análise o propósito é ir além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando as relações entre as partes que foram decompostas.” (MINAYO, 2012, p.80).

A interpretação, por sua vez, é a compreensão dessa organização, a qual é somada às referências teóricas já discutidas e às conclusões do pesquisador. Apesar de parecer ser uma etapa posterior à análise, autores convergem na afirmativa de que essas etapas, apesar de distintas, caminham juntas na pesquisa qualitativa (GIL, 2008; BOOTH, 2008; MINAYO, 2012).

Para analisar o conteúdo obtido através das técnicas de coleta, será utilizada a categorização pelo critério semântico, inspirada nas colocações de Bardin (1979 apud MINAYO, 2012) em “Análise de conteúdo”. O método analítico-interpretativo aqui apresentado é uma adaptação das técnicas de Bardin, utilizada pelo Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde – ENSP (FIOCRUZ), conforme citado por Gomes (MINAYO, 2012).

Como primeira etapa, é sugerida a leitura exaustiva do material, objetivando com isso que o pesquisador tenha uma visão geral do conteúdo, de forma iniciar a visualização das categorias. A seguir, é realizada a exploração do material, passo considerado a análise em si, onde são verificadas as unidades de sentido do texto. Nesse processo, as categorias inicialmente pensadas na primeira etapa tomam forma, sendo realizadas as devidas articulações teóricas.

Como etapa final, Gomes (MINAYO, 2012) indica a redação de um relatório que sintetize a interpretação das categorias promovendo um diálogo com os objetivos da pesquisa.

Ainda concernente à redação do relatório final, é necessário discutir brevemente questões éticas relevantes para o fazer etnográfico. A primeira delas refere-se à privacidade dos usuários no ambiente a ser analisado. Elm (2009, p.75 apud AMARAL, 2010, p.132) classifica o meio *online* em quatro níveis de privacidade:

1) público – aberto e disponível a todos; 2) semipúblico – disponível a quase todos. Requer ser membro e/ou ter cadastro; 3) semiprivado – requer pertencer à organização de forma mais profunda; 4) privado – indisponível e fechado.

Nesse sentido, bastaria o pesquisador categorizar seu objeto de acordo com a proposta de Elm (2009, p.75 apud AMARAL, 2010) para sua decisão ética, em relação à privacidade, estar justificada. Entretanto, Fragoso, Recuero e Amaral (2011), expõem que outros aspectos devem ser considerados, como a faixa etária e profissão dos participantes, além do teor das temáticas debatidas. Quando verificadas questões delicadas, o conteúdo analisado é considerado um material sensível.

Todavia, existem casos opostos nos quais os participantes fazem questão que suas informações e nomes verdadeiros sejam divulgados. Um exemplo disto ocorreu na pesquisa de Amaral (2007 apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011) em plataformas de música *online*, em que os participantes solicitaram a divulgação de seus dados, uma vez que isto contribuiria para o reforço de sua construção de identidade enquanto grupo.

Para a realização do presente estudo, foram realizados questionamentos aos participantes quanto a autorização da divulgação dos dados obtidos diretamente através das entrevistas. Nos casos em que dados foram obtidos através da observação do grupo SRS Facebook (grupo fechado), utilizou-se a omissão de nomes e imagens dos participantes, além de evitar-se a utilização de material sensível.

Para a apresentação de todo o material coletado, se dividiu o processo de análise e interpretação em dois momentos: um primeiro de caráter descritivo denso, objetivando esclarecer o leitor quanto à dinâmica da comunidade, e um segundo momento de cunho confessional, no qual é realizado o relato etnográfico em si.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Nesta seção serão realizadas discussões a respeito de SRS sobre leitura, com destaque para o Skoob, de forma a contextualizar o ambiente de criação e desenvolvimento do grupo “Livro Viajante”.

4.1 A temática leitura nos Sites de Redes Sociais

Como já visto em considerações anteriores sobre a teoria da Cauda Longa, cada vez mais o mercado de massa fragmenta-se em nichos, facilitado pela popularização das mídias digitais. No âmbito das redes de relacionamento *online*, atualmente estão disponíveis na *internet* desde redes sobre pesquisa acadêmica à redes para interessados em golfe.

Sobre o tema leitura, podem ser citados os mundialmente conhecidos *Goodreads*²⁰, *Shelfari*²¹ e *LibraryThing*²². Estes sites também oferecem o serviço de organização da biblioteca pessoal dos usuários, adquirindo assim a denominação de sites de catalogação social²³ (LEITÃO, 2009).

Crippa e Carvalho (2012) analisam o SRS Anobii, afirmando o site com diversos diferenciais em relação à outras plataformas similares. Os aspectos destacados pelas autoras foram o medidor de compatibilidade de leituras entre os participantes, registro de novos livros e a possibilidade de comentá-los e avaliá-los.

Para Crippa e Carvalho (2012, p.100), os SRS de leitura agem como mediadores de informação “[...] entre indivíduos que procuram compartilhar as suas leituras, conhecer novos livros e dividir as suas impressões a respeito deles.”. O papel de mediador, antes personificado em um indivíduo que facilitaria o acesso e processo de significação da informação, atualmente está contido nas tecnologias digitais. Os SRS abririam novas possibilidades, estimulando os próprios participantes a serem mediadores. Nas palavras de Almeida e Crippa (2009, p.13 apud CRIPPA; CARVALHO, 2012, p.103), o leitor “[...] pode acumular agora os papéis de autor, crítico e bibliotecário de referência.”.

Os SRS de leitura não somente auxiliam no incentivo à leitura, como na interferência nas escolhas dos leitores. Percebe-se isso na confiança que os participantes depositam nas

²⁰ Disponível em <http://www.goodreads.com/>

²¹ Disponível em <http://www.shelfari.com/>

²² Disponível em <http://www.librarything.com/>

²³ No entanto, trabalhos que definem estes SRS com o termo catalogação social, geralmente procuram direcionar o foco para o processo de classificação colaborativa realizado pelos participantes, denominado Folksonomia.

avaliações e comentários de outros membros do *site*, especialmente quando são amigos na rede (CRIPPA; CARVALHO, 2012).

4.2 Skoob

Em janeiro de 2009, foi lançado a primeira rede brasileira de relacionamentos voltada à leitura, desenvolvida por Lindenberg Moreira. Com o slogan “O que você anda lendo?”, o Skoob trouxe aos brasileiros a estrutura popularizada pelos internacionais *Goodreads* e *Shelfari*, que permitem a construção de uma estante virtual e interação com outros leitores.

O Skoob não possui nenhum elemento novo em relação aos internacionais SRS já citados, mas por ser o primeiro do gênero no Brasil percebe-se que o fator idioma influenciou bastante em sua popularidade.

Inicialmente sem auxílio publicitário, hoje o *site* conta com a parceria de 25 editoras, aspecto bastante marcante já em sua página inicial, como pode ser observado na Figura 2.

Figura 2 - Página inicial do *site* de rede social Skoob

Fonte: www.skoob.com.br

Em um primeiro momento, pode-se considerar a publicidade comercial como um fator prejudicial aos participantes do *site*, tanto devido à poluição visual gerada, quanto ao próprio excesso de informações publicitárias. No entanto, constantemente essas mesmas editoras disponibilizam seus exemplares para sorteios no Skoob, conquistando a confiança dos leitores por realizar um retorno efetivo através do próprio ambiente.

Relacionado à funcionalidade de catalogação social, o *site* permite a organização da estante virtual por livros lidos, em processo de leitura, a ler no futuro, sendo relido e abandonado, além de permitir o estabelecimento de *tags*²⁴ livres. Quanto à posse do material, a classificação permite indicar os livros possuídos pelo usuário, desejados, emprestados e para troca.

Outra função interessante é a categoria **meta**, que objetiva a apresentação, na página inicial do usuário, de todos os livros planejados para o ano corrente, calculando o total de páginas a ler e o que já foi percorrido, em medida de páginas lidas por dia. A seleção de obras para a estante virtual é realizada através de busca na base de dados do *site* que, se não encontrada a obra, oferece a possibilidade de novo cadastro.

Outros recursos proporcionados pelo Skoob são a criação de grupos, a realização de trocas, integração com outros *sites* de redes sociais e a produção de resenhas e comentários. Viana Neto (2010) sugere um destaque maior para este último recurso e o indica como espaço potencial de aprendizagem, uma vez que atua como um ambiente de escrita e discussão. Perspectiva similar é adotada por Silva (2009), que também enfatiza a prática de elaboração de resenhas para um maior aproveitamento pela área da educação, em especial a educação a distância.

É necessário esclarecer que os usuários do Skoob, denominados “leitores”²⁵, não são necessariamente leitores reais. Como visto anteriormente, uma rede social também é um local de construção identitária, o qual possibilita uma série de recursos para que os indivíduos possam descrever a si mesmo. Dessa forma, o número de livros lidos, bem como seus gêneros e títulos, pode nem sempre ser garantia de sinceridade, como exposto por Carrera e Paz (2012). Segundo as mesmas autoras, a função **paginômetro** possui um dos mais importantes papéis na representação do participante do SRS, pois indica de forma quantitativa o histórico de leitura do indivíduo, o que seria sua maior forma de diferenciação diante dos demais participantes. Carrera e Paz (2012) acreditam que boa parte do sucesso do Skoob está na

²⁴ Marcadores ou etiquetas classificatórias.

²⁵ Em grupos do Skoob também nota-se o uso do termo “*skoobers*” para denominar os participantes do SRS, aparentemente cunhado pelos próprios usuários e não pelo *site*.

supervalorização visual de dados estatísticos dos participantes, contribuindo para o “acesso ao capital social especificamente relacionado àquele universo de sentido [ou seja, à temática leitura].” (CARRERA; PAZ, 2010, p.11).

Outro fator marcante do SRS é o constante contato com o público desde o momento de lançamento do *site*. Ao cadastrar-se no Skoob, automaticamente se é adicionado ao grupo “Ajuda”, o qual serve como auxílio aos novos participantes, além de ser um centralizador de sugestões e reclamações sobre o *site*. O desenvolvedor Lindenberg Moreira é um dos moderadores e participa ativamente das discussões. Além desse centro de contatos no próprio ambiente, o SRS possui perfis em outros *sites* de mídias sociais, como Twitter, Facebook e Orkut.

Recentemente o SRS lançou uma livraria virtual também intitulada Skoob que, apesar de possuir relação com o SRS nesse sentido, não está vinculada ao sistema de rede social propriamente dito.

5 O LIVRO VIAJANTE

Decorrente da análise do grupo, realizada através das técnicas de observação participante e entrevistas com os sujeitos, surge a presente seção deste trabalho. Organizou-se o relato em quatro grandes categorias: a) criação e estruturação do grupo, b) estratégias de circulação de leituras, c) aspectos de sociabilização decorrente dos empréstimos e d) Relação com bibliotecas.

5.1 “Só mais um livrinho” e o início dos viajantes

Com o lançamento do Skoob no ano de 2009, diversas comunidades foram criadas pelos primeiros participantes do SRS. Entre elas encontrava-se a “Só mais um livrinho”, originada de uma brincadeira entre as amigas Danni e Lúcia, as quais sempre diziam que iriam comprar “só mais um livrinho”. O grupo surgiu da vontade de discutir sobre livros, realizar brincadeiras, compartilhar dicas de livrarias, entre outros. Lúcia, que possuía uma considerável biblioteca pessoal somada ao desejo de disponibilizá-la a outros leitores, percebeu o crescimento do grupo e lançou seu primeiro livro viajante: um exemplar que seria emprestado para diversos leitores, bastando apenas a demonstração de interesse pela leitura da obra e o comprometimento de cuidar do livro, passando-o ao próximo leitor interessado (seguindo a ordem de inscrições no tópico destinado a esse livro, no grupo).

“Pão de mel”, de Rachel Cohn, obteve cerca de 70 inscrições e mais de um ano em viagem. Após o sucesso da experiência, os participantes empolgaram-se com a ideia e logo o grupo possuía vários livros viajando, disponibilizados por diversas pessoas. De forma a dar espaço somente aos empréstimos de livros, uma vez que o “Só mais um livrinho” continha outras discussões, Lúcia criou o grupo “Livro Viajante” em outubro de 2010.

Dentro de um ano o grupo contava com cerca de 1.300 membros e 500 livros viajando. Atualmente o grupo conta com mais de três anos de existência, cerca de 5.100 membros e quase 2.000 livros viajantes.

Em 2011, Lindenberg Moreira, desenvolvedor do Skoob, participou do primeiro encontro especial do grupo, realizado no Rio de Janeiro. Na ocasião, Lindenberg afirmou que esse era o grupo que mais movimentava o Skoob.


5.1.1 Estruturação e funcionamento do grupo

Assim como outros grupos do Skoob, o “Livro Viajante” é estruturado segundo o modelo de fórum, no qual há a possibilidade de criação de tópicos e respostas aos mesmos. Entretanto, a interface proporcionada pelo Skoob é bastante simples, não permitindo *links* ativos, imagens ou vídeos nas mensagens, apenas texto. No que se refere às limitações citadas, a comunidade procurou soluções alternativas em recursos externos, como será visto adiante neste trabalho.

Na Figura 3 observa-se a página inicial do grupo, a qual apresenta uma breve descrição, palavras-chave representativas e lista de tópicos com postagens recentes. Além disso, há a indicação do número total de membros, moderadores e grupos relacionados.

Figura 3 - Página inicial da comunidade virtual Livro Viajante

Principal / Grupos / LIVRO VIAJANTE



LIVRO VIAJANTE

participar

Um grupo para quem adora interagir e conhecer gente nova!
Um grupo para quem adora fazer circular um livro e, com ele, espalhar a cultura pelo Brasil agora!
Um grupo para quem adora a sensação de novas possibilidades!
Um grupo para quem, acima de tudo, adora ler e se divertir de montão! Se este é o seu perfil, venha correndo participar!

PARADA OBRIGATÓRIA:

REGRAS DO LIVRO VIAJANTE
<http://www.skoob.com.br/topico/mostrar/30708>

RELAÇÃO DOS VIAJANTES
<http://www.skoob.com.br/topico/mostrar/30705>

Dono: [Lúcia Guimarães](#) Criado em: 19/10/2010

adoro ler livro viajante viciada em ler novos amigos só mais um livrinho

5131 MEMBROS [ver todos](#)

5 MODERADORES [ver todos](#)

8 GRUPOS [ver todos](#)

buscar tópico

tópicos	última postagem	respostas
LV 63 - O LIVREIRO DE CABUL	12/01/2014 15:21:27	192
LV 1443 - Paperboy (Pete Dexter)	12/01/2014 14:15:32	31
LV 1683 - O PREÇO DA VITÓRIA	12/01/2014 14:09:40	22

Fonte: www.skoob.com.br/grupo/1284-livro-viajante

O “Livro Viajante” é um grupo bastante ativo, constantemente figurando na primeira página de grupos mais populares do SRS. A postagem de comentários é regular, ocorrendo de forma constante durante todo o dia, com intervalo de poucos minutos entre cada comentário. Excetua-se o período entre 00:00 e 08:00, no qual a criação e respostas aos tópicos diminui.

O grupo possui atualmente cerca de 1.705 tópicos de LVs²⁶, cada um correspondendo a um exemplar disponível para empréstimo. Quanto à denominação da comunidade, percebe-se claramente a relação com o conceito de *Bookcrossing* ao referir-se à livros que “viajam”, ou seja, que circulam livremente entre leitores. Entretanto, apesar da aparente relação com o movimento de livros livres, o “Livro Viajante” diferencia-se por restringir a circulação dos exemplares dentro dos limites da comunidade, bem como por proporcionar a possibilidade de escolha de títulos, o que não ocorre no ideal *Bookcrossing* onde os livros são encontrados ao acaso. A seguir são explicitados alguns dos diferenciais do grupo em relação ao *Bookcrossing*.

A decisão por manter a circulação dos livros dentro do grupo revela-se importante no sentido de preservar os materiais trocados, uma vez que os empréstimos ocorrerão entre interagentes que já possuem certa confiança entre si. Como exposto por Bertolini e Bravo (2001 apud RECUERO, 2009), esta é uma das formas de capital social encontradas em comunidades virtuais e referem-se à confiança no ambiente como fator de união e movimentação das relações sociais. O elemento confiança, presente em toda comunidade, pode ser considerado intensificado no “Livro Viajante”, uma vez que o objetivo de sua necessidade é mais do que simplesmente manter as relações entre os interagentes, mas ser elemento essencial para o sucesso dos empréstimos.

Como segundo aspecto diferencial, há a presença do caráter personalizado da leitura, fator inexistente em projetos de livros livres encontrados ao acaso. Ainda que no “Livro Viajante” exista uma variedade limitada de títulos, a possibilidade de escolha estimula os participantes a permanecerem na comunidade. A oportunidade de escolha de um título permite que os leitores possam encontrar condizentes com seus interesses, além de intensificar a formação de laços entre os leitores de uma mesma obra.

A comunidade interage em discussões sobre outras estratégias de circulação de livros, sorteios, gincanas e amigos secretos, divulgação de lançamentos, encontros presenciais e, ainda, um tópico destinado especialmente à discussão geral e não inclusa nas outras categorias (tópico intitulado “Dois dedinhos de prosa”).

Na seção seguinte são abordadas as regras de funcionamento da comunidade, abrangendo as normas de conduta gerais dos participantes e os mecanismos de controle dos empréstimos realizados.

²⁶ “LV” pode ser tomado com a sigla do título da comunidade, Livro Viajante. Todavia, o termo “LV” é utilizado com maior frequência para designar um “livro viajante” enquanto exemplar disponibilizado para empréstimo (eventualmente ainda denominado simplesmente de “viajante”). Sendo assim, será utilizada aqui a sigla LV para referir-se a determinado livro em viagem, enquanto que, para fazer referência à comunidade, será utilizada sua denominação por extenso.

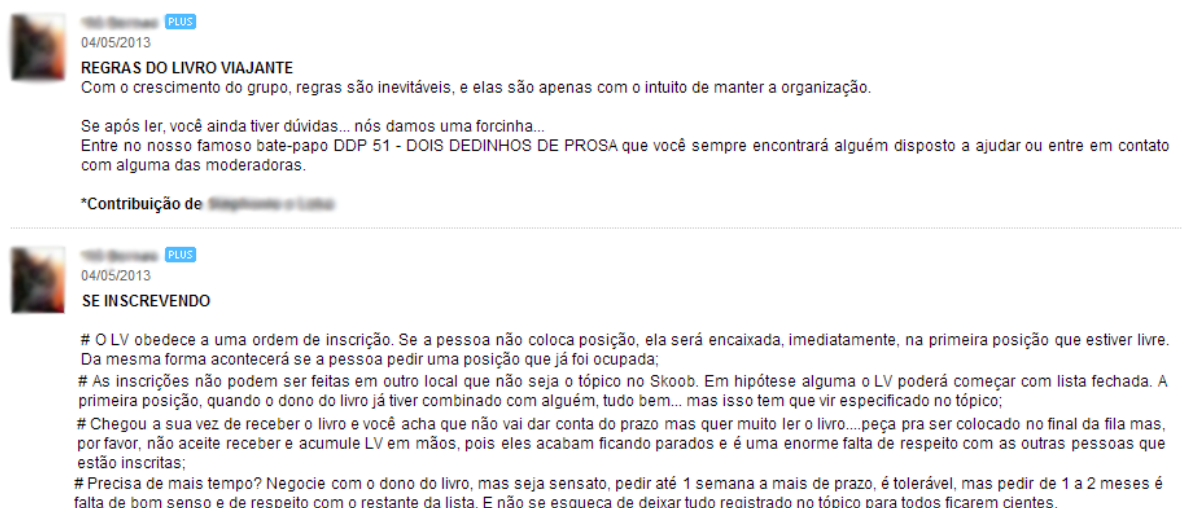
5.1.2 Regras de empréstimo e normas de conduta

Assim como em uma organização grupal face a face, uma comunidade virtual possui um código de conduta, denominado por Lévy (2010) de “netiqueta”. Para o autor, essas regras são utilizadas com o objetivo de que os participantes não percam o seu tempo com discussões que não condizem ao escopo do grupo no qual estão inseridos.

Correspondente à netiqueta, as regras de conduta que não possuem qualquer registro, estão implícitas na comunidade. Essas normas costumam ser seguidas pelo bom senso dos participantes. Por outro lado, há regras do tipo explícitas, geralmente registradas através de algum recurso como um documento online ou um tópico específico (em caso de fóruns), com disponibilização a todos os participantes. É comum a cobrança da leitura dessas regras a todo novo participante, sendo assim uma forma de orientar e prevenir condutas não aprovadas pelo grupo.

Como uma biblioteca invisível, o “Livro Viajante” também possui um conjunto de acordos entre os participantes, registrado logo na página inicial do grupo e indicado como leitura obrigatória para a participação. As regras referem-se basicamente ao processo de empréstimo de livros, servindo como orientações gerais. Na Figura 4 podem ser observadas as regras impostas pela comunidade, referentes aos empréstimos realizados e à sua forma de registro.

Figura 4 - Regras da comunidade virtual “Livro Viajante”



The image shows two forum posts from a user named '1988' with a 'PLUS' badge, dated 04/05/2013. The first post is titled 'REGRAS DO LIVRO VIAJANTE' and discusses the importance of rules for group organization. The second post is titled 'SE INSCREVENDO' and lists specific rules for book borrowing, such as following the registration order and not leaving books idle.

REGRAS DO LIVRO VIAJANTE
Com o crescimento do grupo, regras são inevitáveis, e elas são apenas com o intuito de manter a organização.

Se após ler, você ainda tiver dúvidas... nós damos uma forcinha...
Entre no nosso famoso bate-papo DDP 51 - DOIS DEDINHOS DE PROSA que você sempre encontrará alguém disposto a ajudar ou entre em contato com alguma das moderadoras.

*Contribuição de [@magalhães012008](#)

SE INSCREVENDO

- # O LV obedece a uma ordem de inscrição. Se a pessoa não coloca posição, ela será encaixada, imediatamente, na primeira posição que estiver livre. Da mesma forma acontecerá se a pessoa pedir uma posição que já foi ocupada;
- # As inscrições não podem ser feitas em outro local que não seja o tópico no Skoob. Em hipótese alguma o LV poderá começar com lista fechada. A primeira posição, quando o dono do livro já tiver combinado com alguém, tudo bem... mas isso tem que vir especificado no tópico;
- # Chegou a sua vez de receber o livro e você acha que não vai dar conta do prazo mas quer muito ler o livro....peça pra ser colocado no final da fila mas, por favor, não aceite receber e acumule LV em mãos, pois eles acabam ficando parados e é uma enorme falta de respeito com as outras pessoas que estão inscritas;
- # Precisa de mais tempo? Negocie com o dono do livro, mas seja sensato, pedir até 1 semana a mais de prazo, é tolerável, mas pedir de 1 a 2 meses é falta de bom senso e de respeito com o restante da lista. E não se esqueça de deixar tudo registrado no tópico para todos ficarem cientes.

Continuação da Figura 4 - Regras da comunidade virtual “Livro Viajante”



04/05/2013

ENVIANDO E RECEBENDO

É imprescindível que ao enviar um LV seja postado no tópico o código de rastreio e o nome da pessoa para quem foi enviado, assim o dono e os outros integrantes do LV saberão qual a situação do livro. Portanto, enviou ou recebeu um LV...avise no tópico;

Guarde o recibo dos correios, pois se algo acontecer com o LV, você precisará dele para fazer uma reclamação junto aos correios. Lembrando que o prazo para entrega é de 10 dias. Se após DEZ dias o livro não foi entregue ao destinatário você deverá abrir uma reclamação nos correios através do site (<http://www.correios.com.br/servicos/falecomoscorreios/default.cfm>) ou por telefone (0800 725 0100). Para fazer a reclamação você deverá ter o comprovante em mãos e o telefone do destinatário. Lembre-se que você continua responsável pelo LV até que ele chegue ao próximo destino.



04/05/2013

CANCELANDO UMA VIAGEM

Ao cancelar um LV, seja por falta de participantes ou por quebra de regras, por favor, **NÃO DELETE** O TÓPICO pois fica um buraco na nossa Relação de Viajantes e desorganiza o grupo. Você deve colocar uma mensagem no tópico do livro informando que o mesmo foi cancelado e explicar o motivo mas, por favor, **NÃO DELETE** O TÓPICO.



04/05/2013

CUIDADOS

#Lembre-se que pra você estar recebendo um LV é porque outra pessoa se dispôs a emprestá-lo e quando ela faz isso, tem a certeza que seu livro será muito bem cuidado, portanto trate-o melhor do que você trata o seu;

#Nunca coloque o livro solto em um envelope, pois os Correios não são cuidadosos. Embale-os com plástico ou plástico bolha ou manta antes de envelopar;

#Não dobre ou coloque marcador que deixem marcas nas páginas;

#Não coma enquanto lê;

#Se for sair com ele, sempre o proteja;

#Leia sem abrir muito;

#Leia imaginando que quando for o seu que estiver viajando você vai querer que seja tão bem cuidado como o que está em suas mãos.



08/10/2013

LINKS ÚTEIS:

#REGRAS DO LIVRO VIAJANTE

<http://www.skoob.com.br/topico/mostrar/30708>

#RELAÇÃO DOS VIAJANTES

<http://www.skoob.com.br/topico/mostrar/30705>

#VIAJANTES COM VAGAS

<http://www.skoob.com.br/topico/mostrar/10951>

#DENÚNCIAS

<http://www.skoob.com.br/topico/mostrar/10127>

#LISTA CINZA E LISTA NEGRA

<http://www.skoob.com.br/grupo/2730-livro-viajante-lista-cinza-e-lista-negra>

#BANINDO OS ESPERTINHOS

<http://www.skoob.com.br/grupo/842-banindo-os-espertinhos>

#GRUPO LIVRO VIAJANTE NO FACEBOOK (Só add, quem me deixar recado confirmando que faz parte do grupo aqui - MEU FACE: <https://www.facebook.com/groups/544724125582949/>)

<https://www.facebook.com/groups/544724125582949/>



20/11/2013

ABRINDO UM TÓPICO - COMO PROCEDER

Se o tópico não estiver dentro do padrão, a moderação poderá excluir o mesmo, sem aviso prévio, mesmo que já tenham pessoas inscritas

Antes de abrir o tópico, consulte a "RELAÇÃO DE VIAJANTES", mas atenção... a relação pode não estar atualizada, então pesquise se o número seguinte já não existe antes de criar o tópico. Se tiver algum LV que não consta na relação, favor atualizar colocando-o, além do seu, para que fique em ordem;

#Cadastre o livro na RELAÇÃO DE VIAJANTES antes de abrir o tópico, assim você terá certeza que não haverá repetição de numeração;

O tópico deverá ser aberto apenas com LV (colocar o n°) – TÍTULO DO LIVRO (Nome do Autor). Qualquer informação adicional deve ser feita na parte da mensagem e não no título. Veja os exemplos abaixo:

CORRETO LV 00 - AMOR NO NINHO (Maribell Azevedo)

ERRADO LV 00 - AMOR NO NINHO (Maribell Azevedo) - 2ª viagem

ERRADO LV 00 - AMOR NO NINHO (Maribell Azevedo) - continuação do livro x


ERRADO LV 00 - AMOR NO NINHO (Maribell Azevedo) - tópico corrigido


Só abra o tópico se o livro for viajar em no máximo 1 semana, porque abrir com 1 mês de antecedência, pode acontecer algum problema e você não poder colocar ou até mesmo cair no esquecimento (sim...essas duas situações já aconteceram).

Qualquer dúvida entrar em contato com [Márcia](#) ou [Suzanna](#) ou até mesmo no DDP 51 que o pessoal está sempre pronto a ajudar.

A existência das regras gerais não impede que cada dono de LV, ou seja, aquele que disponibiliza um livro seu para empréstimo, possa formular suas próprias regras. Essa ação frequente no grupo pode ser observada na Figura 5, a qual expõe as regras estipuladas por um proprietário de LV em seu lançamento no grupo.

Figura 5 - Exemplo de conjunto de regras personalizadas para LV

 **Wenny PLUS**
06/06/2011
LV 315 - O RETRATO DE DORIAN GRAY
<http://www.skoob.com.br/livro/848-o-retrato-de-dorian-gray>

 **Wenny PLUS**
06/06/2011
Regras básicas (roubadas da Wenny que roubou da Vanessa, rs)

- # 10 pessoas
- # 20 dias
- # cuidar muito bem do livro..se bem que isso não é regra, é obrigação rss
- # IMPRESCINDÍVEL, avisar, NO TÓPICO, quando recebeu e quando enviou, colocando o código de rastreio para que todos possam acompanhar.

LEIA ATENTAMENTE. É SÉRIO!

01. Só entre na lista se vc realmente participar do grupo (seja no DDP ou colocando livro pra viajar). Se só entrar aqui de vez em qdo pra colocar o nome e sumir, infelizmente não vai ser possível desta vez. Persistindo, me reservo ao direito de reconsiderar a inscrição.
02. Se alguma pessoa não puder receber e pedir pra pular, vai para o fim da lista
03. Não vou aceitar atrasos. Claro que imprevistos acontecem, mas se a pessoa não comunica no tópico, não tenho como adivinhar...atrasou, não avisou = em um próximo LV a participação da pessoa vai estar dependendo de análise.
04. Não vou aceitar receber como resposta "dependo de minha mãe/pai/avó, ou quem quer que seja, pra enviar". Se vc entrou no viajante tem que assumir tudo, inclusive a postagem no prazo certo. Vale lembrar que os Correios oferecem o envio como IMPRESSO NORMAL COM REGISTRO MÓDICO (proprio para o envio de livros) que sai baratinho e o valor é fixo para todo o Brasil.
05. O prazo começará a ser contado a partir da data que constar no rastreio como entregue. Não me importa se você recebe em casa, no trabalho, etc. Cada um recebe onde é mais conveniente. Porém, esteja atento para saber se chegou e pegá-lo para não ficar com poucos dias para leitura.
06. É obrigatório mandar o livro registrado.
07. Deixem os dados de sempre para inscrição.
- 08-Enviarei um email para cada um, pedindo o endereço.

Fonte: <http://www.skoob.com.br/topico/mostrar/12007>

Nota-se que o autor do tópico realiza as devidas referências a outros participantes do grupo, dos quais suas regras serviram de inspiração. Tal ato de citação indica o respeito por participantes que obtiveram sucesso nas viagens de seus LVs, sendo portanto mais experientes e tornando-se assim parâmetros na comunidade.

Por outro lado, percebeu-se que regras muito detalhadas e extensas não são ideais, chegando mesmo a inibir a inscrição de leitores nos LVs. Mais atentamente, observou-se que regras extensas são realizadas geralmente por membros novos no grupo. Os participantes com uma maior trajetória tendem a diminuir suas regras, formulando suas próprias e deixando de citar regras desenvolvidas por terceiros.

5.1.3 Apropriação de recursos do SRS Skoob

Apesar de a comunidade organizar todos os seus viajantes no grupo desenvolvido no SRS Skoob, observou-se a utilização de recursos externos para o pleno desenvolvimento das discussões e mesmo do processo de empréstimo. São analisados dois ambientes *online* utilizados como apoio: o SRS Skoob (outras funções que não a comunidade principal), e o grupo “Livro Viajante – original” do SRS Facebook..

No Skoob, um dos artifícios oferecidos para personalização e, portanto, para demarcação identitária, é o espaço de descrição na página inicial de cada participante. Para Carrera e Paz (2012), este espaço é uma “[...] tentativa de instituir o ator no universo literário dos autores”, uma vez que apresenta destaque para a imagem das aspas, sugerindo uma citação literária. Nesse local é bastante comum encontrar citações favoritas ou breves descrições pessoais nos perfis de usuários do Skoob, como pode ser observado na Figura 6²⁷.

Figura 6 - Descrições de perfis de participantes do site de rede social Skoob

The figure displays three sequential screenshots of user profiles on the Skoob website. Each profile has a navigation bar at the top with buttons for 'Mural', 'Perfil', 'Estante', 'Resenhas', 'Recados', 'Amigos', 'Grupos', 'Seguidores', and 'Segu'. The profiles are as follows:

- Participante A:** Features a quote by George R. R. Martin: "Um leitor vive mil vidas antes de morrer. Aquele que não lê vive apenas uma."
- Participante B:** Features a long quote: "Sou como um livro. Há quem me interprete pela capa. Há quem me ame apenas por ela. Há quem não me entende. Há quem nunca tentou. Há quem sempre quis ler-me. Há quem nunca se interessou. Há quem leu e não gostou. Há quem leu e se apaixonou. Há quem apenas busca em mim palavras de consolo. Há quem só perceba teoria e objetividade. Mas, tal como um livro, sempre trago algo de bom em mim."
- Participante C:** Features a quote by John Green: "O problema não é o sofrimento nem o esquecimento em si, mas a ausência imoral do sentido nisso tudo, o nihilismo absolutamente inumano do sofrimento. A culpa é das estrelas - John Green."

Fonte: Excertos de perfis contidos em <http://www.skoob.com.br/>

²⁷ Para a construção da figura 6 foram selecionados perfis de forma aleatória no site.

Este recurso é apropriado de forma diferenciada pelos participantes do “Livro viajante”, como observa-se na Figura 7. No espaço, os participantes realizam o registro de sua trajetória na comunidade, citando os LVs que participaram, os que disponibilizaram para viagem e os que estão participando, bem como outras informações relativas a empréstimos e trocas.

Figura 7 - Descrições de perfis de participantes do site de rede social Skoob e da comunidade virtual “Livro Viajante”

Participante A (Livro Viajante)

“All those moments will be lost in time, like tears in rain. Time to die.”
Roy Batty

Meus Livros Viajantes:
LV 1427 - Quem mexeu no meu queijo?
LV 1428 - O Alquimista
LV 1439 - Cenas de um casamento

Participante B (Livro Viajante)

“As histórias nunca têm fim, Meggie, embora os livros gostem de nos enganar a esse respeito. As histórias sempre continuam, não terminam com a última frase, assim como não começam com a primeira.”
– Sangue de Tinta

<http://confusaoemolhos.blogspot.com.br/>

LVs que eu promovo: 1349, 1350.

LVs que já participei: 1159, 1169, 1317, 1319, 1322, 1369, 1386, 1401, 1408.

LVs em mãos: 1363 (prazo até 07/08), 1395 (prazo até 07/08), 1381 (prazo até 14/08), 886 (prazo até 15/08), 713 (prazo até 16/08), 1405 (prazo até 19/08), 1368 (prazo até 19/08), 1378 (prazo até 25/08).

LVs que participo: 204, 1352, 1364, 1367, 1373, 1375, 1376, 1377, 1381, 1384, 1387, 1397, 1398, 1407.

Fonte: Excertos de perfis contidos em <http://www.skoob.com.br/>

Com o uso de tal prática, percebe-se a importância da reputação dos participantes para a realização de empréstimos bem sucedidos. De acordo com os próprios participantes, além de auxiliar como registro da reputação de um leitor, o mural também age como um lembrete de

inscrições em LVs para que o membro possa organizar as inscrições que realizou, os prazos de envio, entre outros.

A função de etiquetas (*tags*) nas estantes virtuais do Skoob também é percebida como mais uma estratégia utilizada pelos participantes do “Livro Viajante”. Seja como apenas uma forma de organização de sua estante virtual ou para indicar publicamente as obras emprestadas/disponibilizadas no grupo, observou-se alta adesão dessa funcionalidade pelos participantes (Figura 8).

Figura 8 – Etiquetas utilizadas nas estantes virtuais dos participantes do “Livro Viajante”

Participante A

biblioteca comprei cv 17 **emprestado** escola estudo feira usp **ganhei** ganhei as grupo livro presente 1 grupo livro presente 2 inglês livralivro **lv** plus troca livros prefeitura troca lx1 troquei troquei livralivro troquei plus

Participante B

"ganhei" 2/5 estrelas 3/5 estrelas 4/5 estrelas as de natal bienal 2013 **circulo viajante 18** **circulo viajante 25** contos cortesia do blog cortesia do skoob **circulo viajante** **circulo viajante 17** **circulo viajante 18** de banca dei diamantes para o cérebro doar doe **ebook** empréstimo **ganhei histórico** **livro viajante** maratona de banca maratona hot meus lvs nora quiz sebo top-desejados troquei troquei-enviei troquei-plus **troquei-recebi** troquei-recebi-plus vender

Participante C

as do lv - dia do amigo 2013 **as do lv** - natal 2013 **circulos viajantes misteriosos** desafio literário 2013 dl 2014 classicos dl 2014 o vendedor dl 2014 skoob e-book emprestado **está viajando** **ganhei aniversário lv** **ganhei no grupo lv** ganhei no sorteio livra livro **livro viajante** muito desejado reservado diele troquei 1x1 troquei pelo plus

Participante D

abril 2013 agosto 2013 biblioteca clauo desafio literário 2013 dezembro 2013 emprestado por amigos espirita fevereiro 2013 gastronomia janeiro 2013 janeiro 2014 julho 2013 junho 2013 lendo entre amigas **livro viajante** **livro viajante 2013** **lv-2014** maio 2013 março 2013 nacional novembro 2013 outubro 2013 português setembro 2013 **2013**

Fonte: Excertos de quadro de etiquetas contidos em estantes virtuais no <http://www.skoob.com.br/>

Por outro lado, comunidades virtuais não se mantêm apenas de interações frutíferas e prazerosas. Primo (1997) indica que relações de conflito e contradição estão sempre presentes, sendo a tensão um elemento natural de uma comunidade. Verifica-se que na comunidade “Livro Viajante” isto também ocorre, especialmente em relação aos empréstimos realizados. Para um maior controle desses casos, o próprio grupo vale-se de outro no mesmo SRS, intitulado “Livro Viajante: lista cinza e lista negra.” (Figura 9).

Figura 9 - Página inicial do grupo de apoio “Livro Viajante - lista cinza e lista negra”

Principal / Grupos / Livro Viajante- Lista Cinza e Lista Negra



168 MEMBROS [ver todos](#)



6 MODERADORES [ver todos](#)



2 GRUPOS



0 LIVROS

0 AUTORES

Livro Viajante- Lista Cinza e Lista Negra

[deixar grupo](#)

Olá, Esse grupo foi criado para ajudar aos donos de livros do grupo LIVRO VIAJANTE obterem referências sobre os participantes de LVs. *Lista negra – Apenas para participantes que ROUBARAM livros. *Lista Cinza – Para participantes que descumpriram algumas regras de Lvs, como por exemplo, atrasar, não postar o código de rastreio, etc. Quem pode fazer a denúncia? Apenas o DONO do LV que apresentou algum problema. ***Antes de postar procure pelas REGRAS DA LISTA CINZA ou REGRAS DA LISTA NEGRA*** Qualquer tópico fora das regras será deletado para manter a organização. Boas leituras :)

Dono: [Karla](#) Criado em: 17/05/2012

[Livro viajante](#) [lista negra](#) [lista cinza](#)

tópicos	última postagem	respostas
LISTA CINZA - DENÚNCIAS	06/08/2013 14:42:31	115
DDP - DOIS DEDINHOS DE PROSA	06/08/2013 10:48:02	39
**RETIRADOS DA LISTA CINZA ** (APENAS PARA CONSULTA)	21/06/2013 20:58:00	7
** LISTA CINZA ** (APENAS PARA CONSULTA)	21/06/2013 20:25:57	1
LISTA NEGRA - DENÚNCIAS	13/06/2013 20:14:48	23
LISTA AZUL - PESSOAS CONFIÁVEIS	12/04/2013 13:25:55	8
** LISTA NEGRA ** (APENAS PARA CONSULTA)	07/03/2013 14:00:50	4

Fonte: <http://www.skoob.com.br/grupo/2730-livro-viajante-lista-cinza-e-lista-negr>

O tópico “Lista Cinza” aceita denúncias de participantes que não cumpriram as regras de determinado LV. Os motivos mais comuns de inclusão na lista são atrasos e livros em mau estado. Caso o problema seja resolvido entre leitor e dono de LV, o nome do acusado pode ser retirado da lista.

Já o tópico “Lista Negra” é destinado a casos de maior seriedade. Nas discussões nota-se situações em que participantes (com LVs em mãos) não entram em contato por meses, fornecem códigos de rastreio inexistentes e, por fim, deletam sua conta no Skoob, sem retornar o livro. Em casos de golpes, os participantes costumam solidarizar-se e solucionar os problemas por si mesmos. Em conversas com membros do grupo, percebeu-se que não é raro haver voluntários para ir ao endereço dos chamados “golpistas”, tentando assim reaver o livro furtado. Casos como esse já ocorreram com sucesso.

É interessante perceber que em um grupo com quase 2.000 LVs emprestados, o número de furtos ou sérios descuidos com os livros é relativamente pequeno. Isso indica o comprometimento dos participantes com a comunidade e seu objetivo central: disponibilizar livros que possam fazer longas viagens e voltarem em bom estado para seus donos.

5.1.4 Utilização de outros ambientes online como apoio

Como já mencionado anteriormente, o SRS Skoob possui limitações técnicas no que se refere à ações de interação entre participantes. O sistema de mensagens não permite a inserção de imagens, vídeos e *links*. A navegação através de respostas em um tópico também é bastante precária, sem recursos de buscas de palavras contidas nas mensagens, entre outras faltas. Para suprir essas e outras necessidades, os participantes do “Livro Viajante” recorrem à outros ambientes como SRS, aplicativos para celular e listas de discussões. Destacou-se neste estudo o grupo “Livro Viajante do Skoob – o original”²⁸ no SRS Facebook, grupo fechado composto por apenas 317 membros. Após discussões com os membros e observações no grupo do Skoob, constatou-se que de fato este núcleo é praticamente o mesmo núcleo responsável pelas maiores movimentações de LVs no Skoob.²⁹

O grupo do Facebook difere-se do grupo do Skoob por não permitir a criação de LVs, apenas enquetes para novos viajantes e divulgações de LVs já criados no grupo principal. Com a nova extensão do “Livro Viajante”, novas práticas foram consolidando-se. Uma delas é a demonstração das estantes físicas dos membros através de fotos, mais uma vez enfatizando o orgulho da construção de bibliotecas pessoais, forma de construção identitária. São bastante comuns discussões sobre experiências com os Correios, livrarias, trocas, bem como sobre o ato de ler em si.

A partir de então diversos grupos segmentados foram criados, desde os com temáticas literárias específicas, tal como o “Livro Viajante para maiores”³⁰, a grupos destinados à sorteios, trocas de presentes até mesmo chás de fraldas para membros do “Livro Viajante”.

Uma das iniciativas que merece destaque é o “Amigos aniversariantes do LV”. Criado em 2012, o grupo originou diversos grupos paralelos, conforme eram realizadas as trocas de presentes. A ideia básica consiste na reunião de certo número de membros do “Livro Viajante”, na qual cada um recebe um livro de todos os outros, como presente. O aniversariante do mês deve disponibilizar uma lista de livros desejados, desde que não ultrapasse o valor estipulado pelo grupo.

²⁸ Disponível em <https://www.facebook.com/groups/544724125582949/>

²⁹ Foi levado em consideração que participantes do grupo no Skoob possam não estar presentes no Facebook por não possuírem perfil neste último SRS. Entretanto, verificou-se que um número mínimo não está presente no Facebook.

³⁰ Disponível em <https://www.facebook.com/groups/546151802098806/>

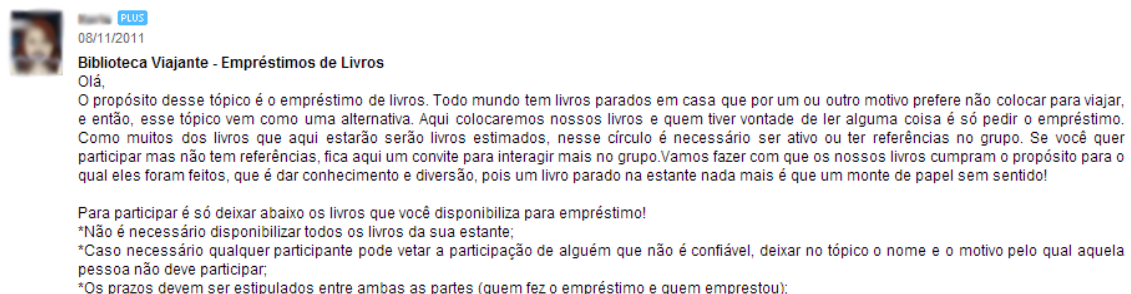
5.2 Estratégias de circulação da leitura

Além dos LVs tradicionais, outras estratégias são realizadas no grupo para promover a circulação de livros e leituras. Nessa seção são abordados os diferentes tipos de empréstimos realizados no “Livro Viajante”, as trocas e vendas entre os participantes e, ainda, as premiações originadas de brincadeiras no ambiente.

5.2.1 Empréstimos

Segundo os membros do grupo, o termo “empréstimo” refere-se exclusivamente à disponibilização de seus livros a um leitor interessado, na qual o livro é retornado ao dono após a leitura. Para organizar essa modalidade foi criado o tópico “Biblioteca viajante”, no qual os participantes determinam os livros que podem emprestar, sendo estes parte ou todos os livros de sua estante virtual. Outra forma também utilizada para demarcação dos livros para empréstimo é a colocação de etiquetas indicativas (“empréstimo” ou “biblioteca viajante”) nos livros disponíveis nas estantes virtuais.

Figura 10 – Tópico Biblioteca Viajante



Biblioteca Viajante - Empréstimos de Livros
 Oiá,
 O propósito desse tópico é o empréstimo de livros. Todo mundo tem livros parados em casa que por um ou outro motivo prefere não colocar para viajar, e então, esse tópico vem como uma alternativa. Aqui colocaremos nossos livros e quem tiver vontade de ler alguma coisa é só pedir o empréstimo. Como muitos dos livros que aqui estarão serão livros estimados, nesse círculo é necessário ser ativo ou ter referências no grupo. Se você quer participar mas não tem referências, fica aqui um convite para interagir mais no grupo. Vamos fazer com que os nossos livros cumpram o propósito para o qual eles foram feitos, que é dar conhecimento e diversão, pois um livro parado na estante nada mais é que um monte de papel sem sentido!

Para participar é só deixar abaixo os livros que você disponibiliza para empréstimo!
 *Não é necessário disponibilizar todos os livros da sua estante;
 *Caso necessário qualquer participante pode vetar a participação de alguém que não é confiável, deixar no tópico o nome e o motivo pelo qual aquela pessoa não deve participar;
 *Os prazos devem ser estipulados entre ambas as partes (quem fez o empréstimo e quem emprestou);

Fonte: <http://www.skoob.com.br/topico/mostrar/15427>

Apesar de a criação do tópico datar de 2011, o mesmo continua em atividade, ainda que pequena. Com a “Biblioteca Viajante” percebeu-se a existência da distinção entre “empréstimos” e “livros viajantes”, segundo o grupo. Os primeiros possuem regras bastante flexíveis, uma vez que são disponibilizados para apenas uma pessoa, além desta ser alguém com boas referências na comunidade. Por outro lado, os “viajantes” possuem regras mais rígidas e espaços especiais destinados ao registro de sua trajetória, adquirindo uma aura maior de importância do que os livros que passam apenas de um a outro leitor, levando assim à uma maior estima pelo público.

Ao longo da experiência no “Livro viajante”, verificou-se o interesse acentuado por livros que circulam por um número superior de pessoas do que os de empréstimos diretos. Neste ponto, o fascínio por um exemplar com mais leitores deve ser compreendido para além da simples questão quantitativa. Os motivos dessa preferência foram citados pelos próprios participantes como a certeza de que o exemplar passou por diversas pessoas diferentes, vivendo vidas distintas e lendo-os nas mais variadas situações. Surge, portanto, a sensação de proximidade entre os leitores de uma mesma obra (e mais do que a obra em si, o mesmo exemplar físico), mesmo que estes não tenham interagido entre si.

A inserção de bilhetes à medida que os LVs passam de leitor a leitor também reforça tal sentimento. As mensagens, contendo comentários de como foi a leitura do livro (além de agradecimentos), raramente são destinadas ao próximo participante (e sim ao dono do LV), mas mesmo assim intensificam a experiência do leitor.

Figura 11 – LV retornando ao dono



Fonte: Postagem realizada no grupo “Livro Viajante – o original” no SRS Facebook

Uma terceira forma de circulação de livros é o chamado “Círculo Viajante” (CV). Nessa dinâmica, cada membro é responsável pela disponibilização de um livro que circulará até passar por todos os participantes inscritos. Cada círculo geralmente possui de seis a doze inscritos e pode ser livre, temático ou “misterioso” (nesse último, nenhum dos participantes sabe qual livro lerá).

É ainda interessante mencionar a participação de editoras e escritores no desenvolvimento do “Livro Viajante”. Através do intermédio de uma participante blogueira, parcerias com editoras são realizadas e livros são doados ao grupo para viajar durante tempo indeterminado. Nesses casos, frequentemente solicita-se que os leitores divulguem em suas páginas pessoais a disponibilização de cortesia pela editora. Escritores também participam do grupo, colocando seus livros para viagem e realizando sorteios.

5.2.2 Outras formas de circulação de livros

Desde o início do “Livro Viajante” são realizados sorteios de livros entre os participantes. Os livros doados por editoras, quando não possuem mais leitores interessados são sorteados, assim como LVs disponibilizados por leitores que o compraram exclusivamente para viagens no grupo.

Também são realizados sorteios em datas comemorativas como aniversário do grupo, dia do leitor, dia do amigo, páscoa, natal, entre outras. São sorteados não apenas livros, mas objetos como marcadores de livros e itens de papelaria.

As gincanas e brincadeiras são menos frequentes e ocorrem usualmente vinculadas à aniversários do grupo e realizações de Amigos Secretos. Essas são atividades que possuem alto índice de fomento à interação, principalmente entre os novos membros do grupo.

Trocas e vendas de livros são bastante frequentes, também se valendo da confiança mútua entre os participantes. Listagens de livros (com ou sem fotos) são divulgadas entre os membros, acompanhadas de seus interesses (determinados livros para troca ou valores em dinheiro). Nos casos de venda, as divulgações são acompanhadas do propósito da ação: desde auxílio na renda pessoal do membro à arrecadação de verba para realização de festa de casamento, por exemplo.

5.3 Sociabilização

A interação no grupo é tanto estimulada pela leitura de livros, quanto estimulante desta. A seguir são discutidas as observações sobre aspectos de interação e construção de laços sociais entre os participantes. É ainda abordada a conversação no “Livro Viajante” do Skoob e sua migração para o grupo “Livro Viajante – o original”, do Facebook, como ocorreu e que mudanças isso trouxe para a comunidade.

5.3.1 Discussões

De forma a não haver poluição de assuntos no grupo “Livro Viajante”, junto com sua criação foi aberto o tópico “Dois dedinhos de prosa”, popularmente conhecido como DDP. Destinado a assuntos variados, o tópico surgiu com o intuito de ser o melhor recurso disponível para esse fim. Entretanto, quando um tópico continha um grande número de mensagens o acesso às discussões mais recentes tornava-se complicado devido à falta de uma função no site que permitisse o direcionamento à última página. Com isso, um novo DDP era sempre criado após cerca de 10 páginas de discussão.

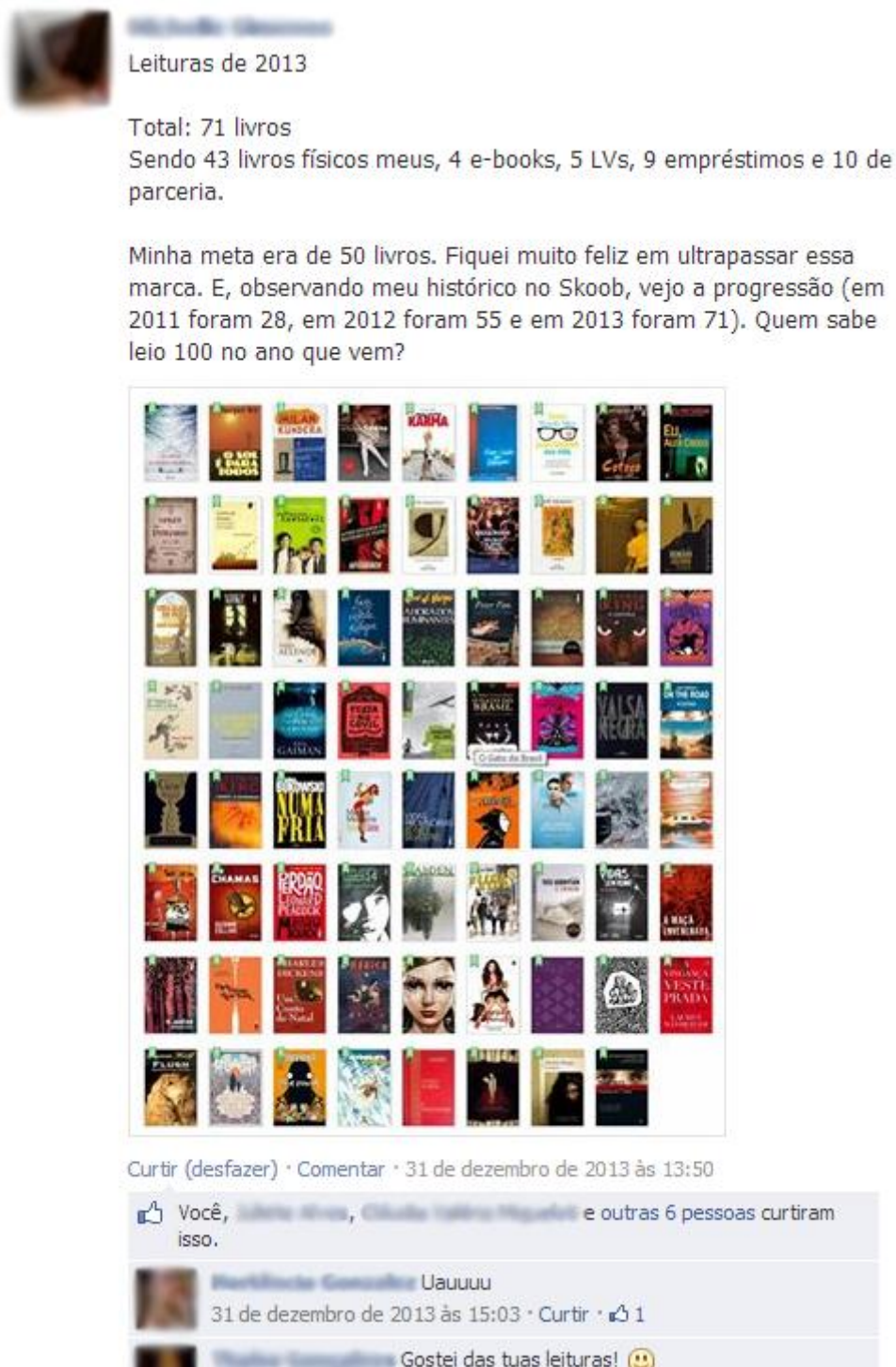
Em meados de 2011, o 51º DDP tornou-se definitivo com a funcionalidade de acesso às mensagens mais recentes. Atualmente esse DDP conta com cerca de 1.250 páginas de conversa, mas nota-se um intervalo bastante grande entre as mensagens. Percebeu-se, tanto por observação quanto por conversas com os membros da comunidade, que houve uma migração conversacional a partir da criação do grupo no Facebook. Recursos como notificações de mensagens, marcação de amigos, inserção de fotos e links, entre outros, apresentaram um aceite maior pelo grupo, uma vez que as interações podem ser de vários tipos, além de mais fluídas.

A crescente adesão ao grupo no Facebook vem estabelecendo delimitações bastante visíveis entre os dois grupos. No SRS Skoob priorizam-se postagens com caráter oficial, tais como listas de inscrição, resultados de amigos secretos e sorteios, organização de encontros presenciais, além dos tópicos de registro de LVs. Por outro lado, no Facebook as mais variadas discussões são realizadas, muitas vezes tão informais e de fluxo rápido que acabam por gerar conflitos entre os participantes. Divulgações de LVs em formação também são realizadas, mas sempre com direcionamento ao grupo oficial.

Uma prática bastante frequente na comunidade é a divulgação dos livros lidos ao fim de cada mês. Mesmo apresentando suas listas mensais, ao fim do ano as postagens multiplicam-se, pois todos querem apresentar o conjunto total de seus livros lidos. Na Figura

12 observa-se uma dessas demonstrações, enfatizando a satisfação da participante com o aumento de suas leituras por ano.

Figura 12 – Demonstração de leituras realizadas durante o ano



Marta Costa
Leituras de 2013

Total: 71 livros
Sendo 43 livros físicos meus, 4 e-books, 5 LVs, 9 empréstimos e 10 de parceria.

Minha meta era de 50 livros. Fiquei muito feliz em ultrapassar essa marca. E, observando meu histórico no Skoob, vejo a progressão (em 2011 foram 28, em 2012 foram 55 e em 2013 foram 71). Quem sabe leio 100 no ano que vem?

Curtir (desfazer) · Comentar · 31 de dezembro de 2013 às 13:50

Você, [Liliane Alves](#), [Cristiane Santos Magalhães](#) e outras 6 pessoas curtiram isso.

Marta Costa Uauuuu
31 de dezembro de 2013 às 15:03 · Curtir · 1

Marta Costa Gostei das tuas leituras! 😊

Fonte: Postagem realizada no grupo “Livro Viajante – o original” no SRS Facebook

A receptividade das postagens costuma ser alta, o que auxilia a impulsionar o hábito de leitura dos participantes. Além disso, comentários sobre leituras em comum são frequentemente realizados em postagens como essa, conforme se pode observar na Figura 13. Ações desse tipo promovem a manutenção de laços sociais, uma vez que permitem o reconhecimento de membros com interesses similares, o que futuramente pode vir a gerar laços fortes.

Figura 13 – Reconhecimento de leituras entre os participantes



Fonte: Postagem realizada no grupo “Livro Viajante – o original” no SRS Facebook

Indicações de leitura, fotos de todo o tipo de acessórios relacionados à livros, compartilhamento de experiências com os Correios e resenhas literárias em vídeos são alguns dos tipos de discussões que ocorrem diariamente no grupo do Facebook. Discussões como

essas já ocorriam no DDP (grupo do Skoob), mas com as facilidades proporcionadas pelo Facebook multiplicaram-se e atingiram mais participantes.

Atualmente o DDP funciona como um centro de boas vindas a novos membros, sendo uma forma de interação inicial, antes de estes ingressarem no grupo do Facebook. O tópico mantém-se ativo especialmente devido a participantes mais antigos, além daqueles que não possuem conta no SRS Facebook. O ritmo de respostas é significativamente mais lento, mas se mantém constante.

A partir dessa constatação verificou-se a importância da participação da pesquisadora no grupo de extensão, já que de outra forma não seria possível observar os laços construídos entre os participantes.

5.3.2 Amigos secretos

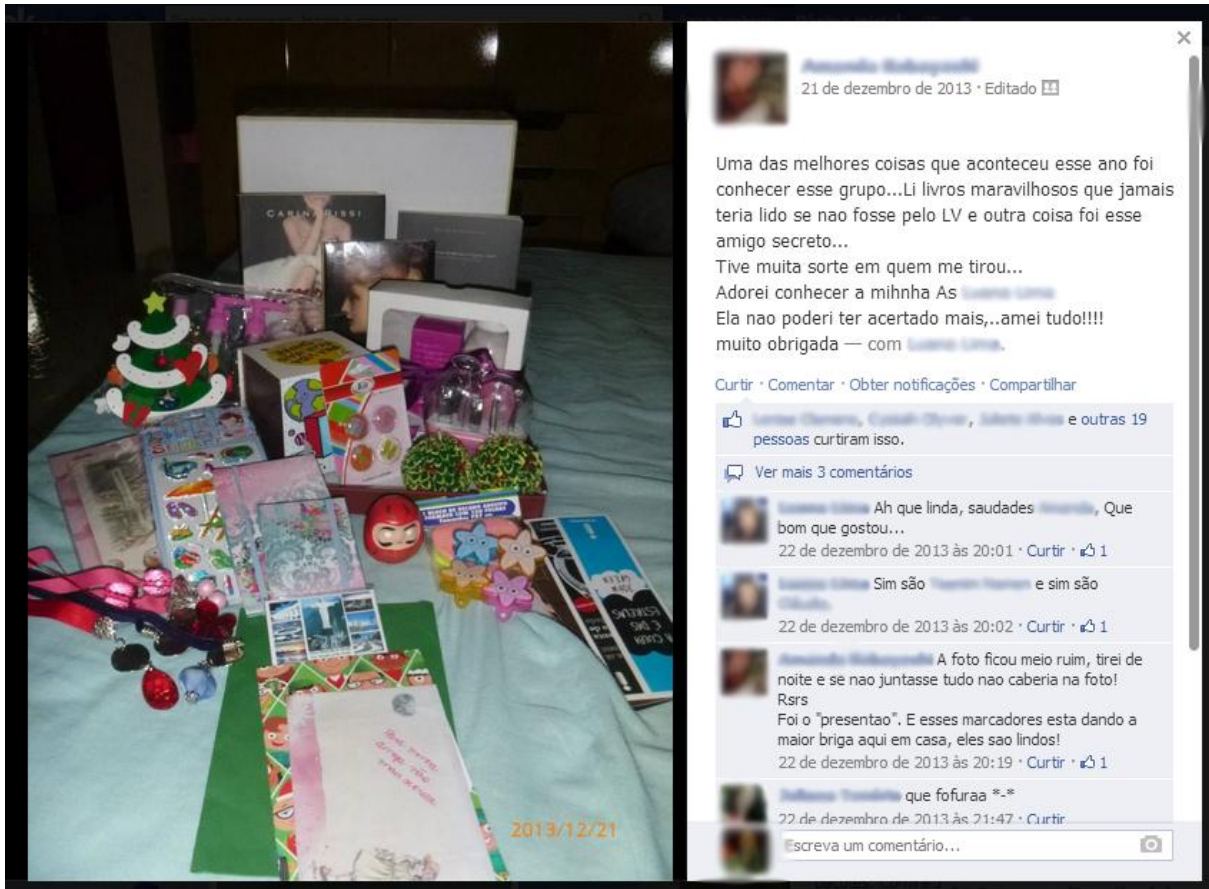
Os “amigos secretos” são eventos bastante significativos para a comunidade e ocorrem geralmente em datas comemorativas como páscoa e natal. Nesses momentos, um círculo de membros concentra-se durante determinado período, constituindo um ambiente bastante propício para a transformação de laços fracos (de associação por pertencerem ao mesmo grupo) em laços fortes (vínculos sólidos que ultrapassam as interações através da comunidade).

Durante o tempo de observação da comunidade houve a oportunidade de participação em um desses eventos, a qual é relatada com maior profundidade na última seção deste trabalho, destinada ao relato etnográfico.

É interessante observar a importância desses eventos através de determinada prática: após a revelação dos amigos secretos, é bastante comum um participante passar a referir-se ao seu amigo sorteado como seu “AS” (abreviação de Amigo Secreto).

O amigo secreto torna-se a discussão do momento enquanto ocorre, mesmo entre os que não participaram da brincadeira. O momento das trocas de presentes é sempre registrado em álbuns de fotos, nos quais todos participam com comentários. O processo final, de recebimento dos presentes, é registrado em álbum de fotos nos grupos da comunidade. Cada foto corresponde a um participante apresentando os objetos que ganhou. Na Figura 14 observa-se uma das participantes da comunidade relatando sua experiência no amigo secreto.

Figura 14 – Participante mostrando os presentes ganhos no amigo secreto de natal 2013



Fonte: Postagem realizada no grupo “Livro Viajante – o original”, no SRS Facebook

Presentes também costumam ser trocados sem nenhuma data comemorativa especial, apenas como agradecimento pelos LVs disponibilizados e pelos laços de amizade. A seguir é discutido um pouco mais sobre esses casos.

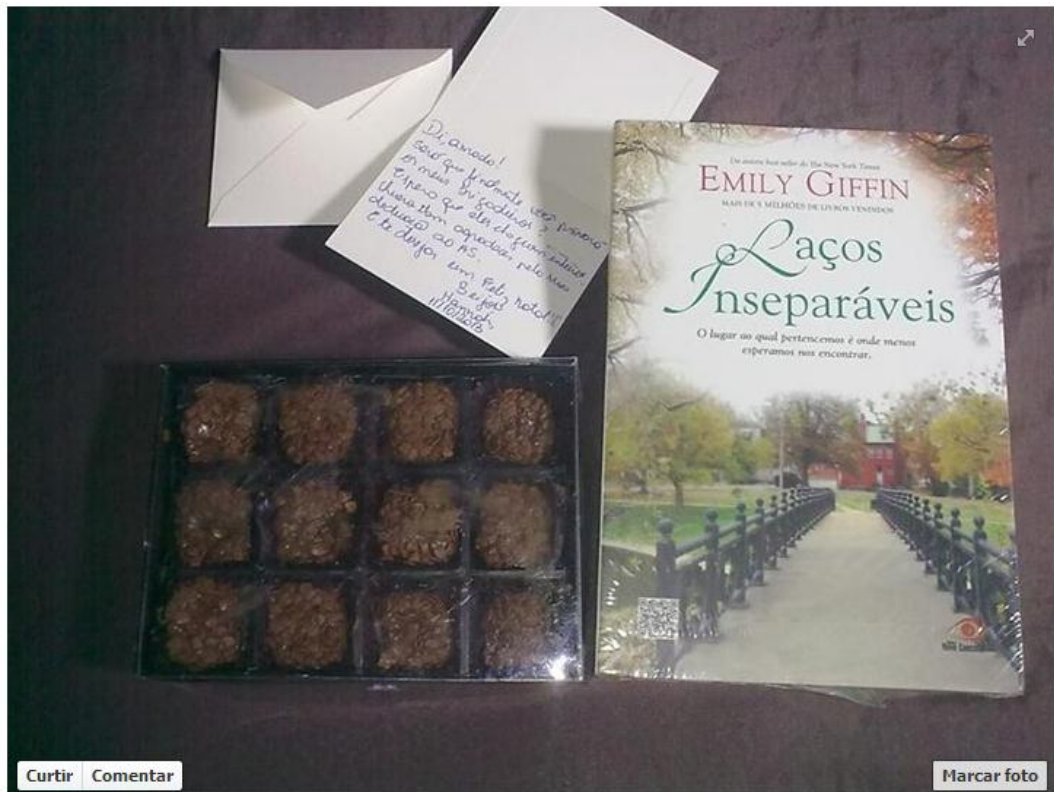
5.3.3 Mimos

A comunidade denomina “mimos” todos os presentes trocados entre os membros. Ao verificar-se que além das mensagens virtuais objetos físicos também são trocados, constata-se uma comunidade virtual bastante sólida, que conseguiu estabelecer laços entre os participantes para além do ambiente *online*.

Marcadores de livros são os objetos mais comuns utilizados como presentes. Mesmo os mais simples, produzidos por editoras para divulgação de títulos, são altamente cobiçados no grupo. Doces também fazem sucesso, especialmente os regionais. Rapaduras, brigadeiros e cocadas chegam a tornar-se marcas registradas de alguns membros.

Os objetos são frequentemente enviados com LVs, como agradecimento pela disponibilização. Além desses, há ainda os que são enviados sem motivos especiais, mas apenas como formas de apreço por membros da comunidade (Figura 15).

Figura 15 – Presente enviado para participante do “Livro Viajante



Fonte: Postagem realizada no grupo “Livro Viajante – o original”, no SRS Facebook

Quando os “mimos” tratam-se de livros, não é raro estes tornarem-se LVs, após a leitura do presenteado.

Nos casos em que presentes são enviados como retribuição à disponibilização de LVs, os motivos mais comuns são a satisfação pela leitura do livro ou a gratidão por membros que foram flexíveis em suas regras. Na Figura 16 exemplifica-se um caso de presente enviado como agradecimento à um LV.

Figura 16 – Presente enviado como retribuição à disponibilização de LV



Fonte: Postagem realizada no grupo “Livro Viajante – o original” no SRS Facebook

5.3.4 Encontros presenciais

Outra demonstração de união da comunidade são os encontros presenciais, desenvolvidos desde os primeiros momentos do grupo “Livro Viajante”. Muitos encontros já ocorreram, em diversas ocasiões e locais: em casas de participante, em eventos literários, em museus, entre outros.

O primeiro encontro foi organizado pela criadora do grupo e, como já mencionado anteriormente, contou com a participação do desenvolvedor do Skoob. Na Figura 17 pode-se acompanhar o início da organização do encontro.

Figura 17 – Organização do primeiro encontro presencial do “Livro Viajante”³¹

 **Lúcia Guimarães** PLUS
24/12/2010
1o ENCONTRO DO LV
RIO DE JANEIRO - RJ 22/JANEIRO/2011

 **Lúcia Guimarães** PLUS
24/12/2010
Olá Galera Animada do Livro Viajante!
As pessoas começaram a se interessar, rolou o papo de um encontro, a conversa foi ficando mais animada e Pronto!
Está feito!
O nosso primeiro encontro será em janeiro de 2011!
Tem gente vindo da Bahia, De São Paulo, De Santa Catarina e, talvez, até do Amazonas!
Animação, galera!!!
Este tópico é pra quem já DECIDIU que virá MESMO!
Por favor, coloquem os nomes dos participantes, incluindo maridos/namorados, mulheres/namoradas e etc... e de onde estarão chegando, pra que a gente possa ter a noção de quantos seremos no encontro e para que possamos nos organizar.
Valeu!
Espero vocês por aqui!
Bjks

 **Lúcia Guimarães** PLUS
24/12/2010
Gente...
Vou colar um recado da minha página aqui, pra vcs se animarem, porque, talvez, tenhamos mais uma companhia interessante no nosso encontro!
O Skoob n 1, que agora é integrante do LV, talvez vá lá nos encontrar...
Acho que seria muito legal encontrar o cara que nos proporcionou toda essa diversão, não?
Vocês vão perder essa?
Bjks

Lindenberg 1 hora, 55 minutos atrás
Olá Lúcia,
gostei realmente do grupo e da sua organização, além da ideia de fazer um livro viajar que achei sensacional.
Fico feliz por você voltar à ativa no skoob, eu já perdi meu pai, sei o quanto é doloroso e difícil passar por isso. Os amigos ajudam bastante nessa hora.
Pelo visto você tem muitos amigos. E se não se importar, acabou de ganhar mais um. :-)
Quando tiver uma data para o encontro, por favor me avise, nem sempre posso ir, mas farei o possível para comparecer e conhecer essa turma tão divertida.
E sou eu quem devo agradecer por vocês darem motivos de sobra para que o Skoob continue crescendo. =)
Abraços!! Aproveito para desejar um Feliz Natal e Ano novo maravilhoso.

Fonte: <http://www.skoob.com.br/topico/mostrar/7332>

Após a observação das diversas formas de interação da comunidade, constata-se que as principais são os eventos, tanto os virtuais quanto os presenciais. Essas ocasiões proporcionam uma aproximação maior do que as discussões diárias.

Através das entrevistas verificou-se que, além dos encontros, diversos participantes já hospedaram outros membros, o que mais uma vez reforça a confiança mútua que existe na comunidade.

5.4 Relação com bibliotecas

Em uma comunidade onde todas as discussões convergem para livros e leituras, a falta de menção à bibliotecas é bastante curiosa. Durante os sete meses de imersão no “Livro Viajante”, observou-se apenas duas referências às bibliotecas: a) um tópico no grupo do SRS

³¹ A divulgação da imagem da participante foi permitida pela mesma nessa figura.

Skoob, pedindo doações para uma determinada biblioteca, realizada por uma funcionária desse local; e b) um comentário de resposta à uma postagem sobre determinado livro (no grupo do SRS Facebook), no qual a participante indicava a Biblioteca Pública de São Paulo. O tópico continuou recebendo comentários, mas nenhum relacionado à biblioteca indicada.

Por si só, a quase inexistência de referência a bibliotecas já indica que essas não fazem parte do universo literário dos participantes. Isso não significa que os mesmos não frequentem bibliotecas, mas que não as consideram simbolicamente importantes a ponto de compartilhar com o grupo. Sendo assim, foi possível sondar os membros somente com as entrevistas em profundidade, realizadas ao fim do processo de observação participante.

Todos mencionaram saber da existência de bibliotecas em sua cidade, mas apenas dois dos sete entrevistados frequenta bibliotecas e utiliza o serviço de empréstimos. Quanto ao restante, os motivos de não frequentarem foram citados como bibliotecas com poucos títulos de interesse e bibliotecas de difícil acesso. Entretanto, a formulação das respostas dos entrevistados demonstrou um acentuado desinteresse por bibliotecas sem saber ao certo citar um motivo determinado para isso.

De forma geral, os participantes afirmaram não ver semelhanças entre o “Livro Viajante” e uma biblioteca quando questionados sobre uma possível semelhança. Como já abordado anteriormente, a maioria dos membros não compreende um LV como um empréstimo. Alguns diferenciais do “Livro Viajante” foram citados pelos entrevistados como sendo:

- a) Acesso 24 horas por dia e pela *internet*;
- b) Para devolver os livros basta passar em qualquer agência dos Correios;
- c) O livro pode passar por várias pessoas de forma contínua, sem precisar ficar voltando à um local antes de seguir adiante;
- d) Não é necessário se locomover até o local de devolução;
- e) As condições de empréstimo são mais flexíveis;
- f) Existe a possibilidade de relacionar-se com o exemplar de uma forma que bibliotecas não permitem: deixando recados no próprio livro, quando seus donos assim o permitem;
- g) A possibilidade de contato com os donos dos livros.

Do ponto de vista biblioteconômico, nota-se que os primeiros pontos citados não são propriamente diferenciais, uma vez que também podem existir em bibliotecas. Estas podem ter seu catálogo informatizado, disponibilizando a busca pelo material durante 24 horas por

dia. Para a retirada, é necessário aguardar dias úteis e horários comerciais, da mesma forma como nas agências dos Correios no caso dos LVs.

A questão do valor gasto não foi mencionada e é necessário levá-la em consideração. A postagem de um livro viajante, mesmo realizada via registro módico³², custa entre cerca de R\$3,00 e R\$9,00, variando de acordo com o peso do material. Bibliotecas públicas geralmente exigem uma pequena taxa anual, mas que muito pouco pode comparar-se ao valor da soma de postagens de LVs, durante um ano.

A constatação acima foi apresentada aos entrevistados, no qual a maioria a ignorou, não tecendo qualquer comentário. Somente um deles rebateu a questão, afirmando que o valor das postagens seria equivalente ao valor gasto na locomoção até a biblioteca. Após, o entrevistado se corrige e afirma que, mesmo que o valor das postagens possa ser superior, ele não se preocupava com o dinheiro gasto, pois este seria compensado pelas experiências que o “Livro Viajante” o proporcionava.

A exaltação da dinâmica da comunidade e a resistência a observar pontos de convergência entre esta e uma biblioteca, pode indicar uma visão negativa sobre a última: para os membros, bibliotecas possuem limitações diversas como o acesso, as normas rígidas e a falta de contato com outros leitores. Analisando as atitudes e percepções dos participantes, verificou-se que bibliotecas são observadas como impessoais devido aos seus materiais “não serem de ninguém em especial”. Para os leitores da comunidade é de suma importância o conhecimento de informações sobre a trajetória dos objetos, tais como em que condições foi adquirido, por quem, por quais motivos, entre outras.

Em um primeiro momento, postura como essa poderia indicar um excesso de valorização material enquanto que a leitura em si seria deixada em segundo plano. Entretanto, a observação das discussões da comunidade mostrou que os LVs costumam ser lidos, já que são bastante discutidos.

A seguir são apresentados alguns trechos que indicam percepções dos membros sobre suas motivações de fazer parte comunidade:

- “[o diferencial do “Livro Viajante” é] o contato como o dono do livro e os leitores. Na biblioteca convencional não temos isso, nem sabemos se o livro foi lido de fato...”

- “Acho que a diferença entre o grupo e uma biblioteca, é que os livros possuem donos diversos. Cada dono impõe suas condições para aquele empréstimo. Por exemplo, já participei de LVs em que o dono pediu para que escrevêssemos uma mensagem no livro ao final da leitura. Atitude totalmente proibida em livros de biblioteca. Penso, ainda, que o fato de termos

³² Modalidade de envio especial para livros, com desconto em relação ao registro normal.

de entrar em contato com as pessoas do grupo, seja para nos inscrevermos no viajante, ou no momento de receber e enviar o livro, nos aproxima das pessoas e, não raras vezes, criamos vínculos de amizade com os envolvidos. E, como são muitas pessoas diferentes e de muitos lugares diferentes, ampliamos nossos círculos de amigos e ganhamos com essas relações.”

- “Me motivou a questão de mais pessoas lendo meus livros - tanto os que participo como autora, quanto os de minha biblioteca.”

- “Eu nunca gostei de guardar livros. Nunca tive a intenção de ter uma biblioteca particular, eu troco 99% dos livros que leio. Então a ideia de ter livros “viajando” por todo o Brasil me fascinou e [a] abracei”

Observou-se ainda que os participantes utilizam outros ambientes *online* relacionado à leitura e à trocas, mas nenhum similar ao “Livro Viajante”. O projeto *Bookcrossing* foi verificado como de conhecimento da maioria, mas sem qualquer crédito de confiança. Os membros afirmaram achar a ideia interessante, mas de difícil aplicação no contexto brasileiro.

Com o exemplo do “Livro Viajante”, acredita-se que é possível demonstrar que um dos fatores motivadores do interesse pela leitura é a construção de relações sociais baseadas em discussões literárias. Neste caso, essas relações são ainda reforçadas pelo compartilhamento não só de ideias, mas de exemplares físicos.

Questiona-se, assim, a grande gama de estudos que apresenta o fator **acesso** como elemento de destaque no processo de construção de indivíduos leitores. A partir da análise dessa comunidade, é possível ampliar as hipóteses sobre auxiliares do interesse pela leitura, incluindo o aspectos de interação entre os leitores.

6 A IMERSÃO NA COMUNIDADE

Como estudante de biblioteconomia em busca de um tema de pesquisa para o trabalho de conclusão, fui passear pelos grupos criados no Skoob, *site* de rede social do qual eu já participava há algum tempo.

A ideia inicial seria analisar algum grupo “pop”, como o “Eu amo ler” ou o “Preciso de mais uma vida para ler tudo o que desejo”, para verificar questões de construção identitária ou consumismo literário. Temas complicados de se abordar, uma vez que em algum momento é bem possível de se cair na armadilha “boa literatura *versus* má literatura”, o que gera diversos problemas, os quais eu ainda não estaria preparada para me aventurar.

Foi então que notei o “Livro Viajante” aparecendo logo na primeira página de grupos mais populares. Pensei que seria algum projeto provavelmente vinculado à bibliotecas ou então apenas mais um grupo com título bonitinho, mas que na verdade seria cheio de jogos bobos como “Lê ou passa?”. Equívoco total: o “Livro Viajante” possuía algum tipo de sistema de trocas, no qual cada livro possuía um código e um tópico, e as pessoas respondiam com seu nome, e-mail e cidade. À primeira vista não entendi coisa alguma, mas o número sequencial dos livros me chamou atenção: cerca de 1.400.

Havia um extenso tópico de regras que me fez compreender melhor o grupo. A ideia de auxiliar em empréstimos era interessante, mas... e as bibliotecas? Será que nenhuma dessas pessoas possuía acesso a uma biblioteca? Elas gastavam com o envio dos livros pelos Correios, portanto acabavam gastando mais do que com uma anuidade de biblioteca pública. Participariam do grupo por não encontrarem os títulos desejados em bibliotecas?

Entre os livros viajantes havia desde Paulo Coelho e Antoine de Saint-Exupéry a José Saramago e Gabriel García Márquez, livros relativamente fáceis de encontrar. Aos poucos passei a compreender que talvez fossem os relacionamentos tecidos através dos empréstimos um dos principais motivadores do grupo. E foi a partir dessa intuição que apostaria neste estudo. Estudo que exigiria uma grande imersão de minha parte ou o risco de cair em “achismos”.

Esta seção destina-se à minha experiência direta na comunidade “Livro Viajante”, não apenas como pesquisadora, mas como participante que emprestou livros, pegou outros emprestados, participou de amigos secretos e as mais variadas discussões, desfrutando tanto de bons quanto de maus momentos.

6.1 Os primeiros passos

Em junho de 2013 li atentamente as regras do grupo e ingressei nele. Não me apresentei logo de início, pois observei bastante intimidade entre os participantes, então achei que seria melhor aguardar um pouco para iniciar qualquer interação conversacional. Sendo assim, nos primeiros dois ou três meses participei apenas observando e realizando alguns empréstimos, mas de forma geral participei de forma indireta, sem manter contato com os participantes. Considero este período importante para aclimatação e reconhecimento básico da dinâmica do grupo.

Ao primeiro olhar à lista de livros viajantes, notei que havia a predominância de títulos novos, a maioria *best sellers*. Na maioria, não eram livros de meu interesse, portanto precisei “garimpar” os tópicos para encontrar algo de meu agrado, de forma que eu pudesse me inserir em núcleos onde o assunto eu já dominasse um pouco mais. Os livros que me interessavam estavam lotados ou com muitos participantes. Gostaria ainda de participar de algum em que eu conseguisse uma das primeiras posições, pois estava curiosa e ansiosa pela experiência. Vi que toda semana abriam novos LVs, então não demorei muito a encontrar um com vagas.

Iniciei minha trajetória escolhendo o LV 1391 – “Os miseráveis”. Eu já havia lido esse título há muitos anos mas gosto de releituras, então o escolhi. O LV foi aberto com dez vagas e prazo de vinte dias. As regras ainda pediam que os participantes possuíssem referências no grupo. Entrei em contato com a dona do livro e pedi um voto de confiança, explicando que essa seria minha primeira participação. Ela consentiu e me enviou o livro. Em pouco tempo o recebi, bem embalado em plástico bolha, mas bastante antigo. O livro havia sido comprado em sebo, já desgastado, necessitando portanto de todos os cuidados possíveis.

É importante salientar aqui que, em todo o contato inicial que eu realizava com algum participante, de forma informal e no momento mais oportuno, me apresentava como pesquisadora. Tomo como “momento oportuno” geralmente a segunda ou terceira mensagem trocada, de forma que antes pudesse haver um breve entrosamento com o participante. Utilizei dessa estratégia para não inserir-me de forma brusca no grupo, como uma completa *outsider*, interessada exclusivamente na pesquisa. Mesmo sendo o estranhamento a essência da abordagem etnográfica, meus intuítos também eram vivenciar a dinâmica da comunidade, como participante antes de observadora, o que sempre procurei deixar claro.

Quando iria começar a leitura do primeiro LV notei que o livro era um tanto diferente do que eu lembrava. Relativamente pequeno, era também estruturado de uma forma diferente do que eu recordava de “Os miseráveis”. Procurei mais sobre aquela edição e notei que na

verdade era uma adaptação. Eu deveria ter conferido a edição, mas não lembrei disso no momento. Aliás, notei que não é prática do grupo mencionar a edição que está disponibilizando, às vezes nem mesmo o autor (atualmente, após votação, os LVs devem obrigatoriamente conter o nome do autor). Mencionei no tópico que era um texto condensado, além de uma tradução ruim e citei a fonte, *blog* de uma conhecida tradutora. Tentei ser delicada e alertar os próximos participantes, afinal, não é toda hora que investimos nosso tempo em um livro com mais de 500 páginas. Para a minha surpresa, não houve qualquer comentário sobre isso e o livro seguiu caminho, estando perto do fim de sua viagem no momento em que finalizo a escrita deste trabalho.

A maioria dos participantes não costuma conferir traduções, ainda que ao longo de minha experiência eu tenha visto uma ou duas discussões, sempre com os mesmos membros.

Enviei o livro para o leitor seguinte sem incluir qualquer bilhete ou marcador, pois só depois fui perceber que essa era uma prática comum de agradecimento. Durante esse tempo, tomei conhecimento sobre o grupo “Livro Viajante” do Facebook através de uma indicação da página de regras, onde também são listados os grupos relacionados ao grupo central.

Solicitei participação e logo fui aceita. Notei que apesar da grande quantidade de membros, as discussões eram feitas por um determinado núcleo de pessoas, as quais pareciam se conhecer muito bem.

Com a observação das postagens de fotos dos livros que retornavam aos seus donos, percebi que todos voltavam com bilhetes, cartas, marcadores de livros, entre outros objetos menos comuns. Me senti envergonhada por não ter enviado nada juntamente com “Os miseráveis”, o primeiro LV que participei. Essa situação foi uma das primeiras que observei relacionadas à uma de minhas suposições: o objeto emprestado como elo de laços sociais do tipo associativo (RECUERO, 2009). Mais tarde eu viria a compreender que a construção de laços sociais na comunidade era mais complexa do que imaginei inicialmente.

No fim de agosto presenciei uma séria discussão entre alguns participantes, no grupo do Facebook. Um membro fez alguma revelação importante sobre o enredo de determinada obra, as pessoas não gostaram e começaram os xingamentos. Descobri, nesse momento, a aversão em massa pelo *spoiler*³³. A moderadora do grupo mudou as regras proibindo os tais *spoilers*, mas a agressividade continuou. Mesmo realizando minhas observações de forma diária, quase não consegui acompanhar as discussões, tamanha a quantidade e rapidez da postagens de comentários. Além disso, alguns participantes apagavam seus comentários em

³³ Termo de origem inglesa, é bastante utilizado para referir-se à revelações sobre o enredo de obras ficcionais.

determinada postagem e, quem a lesse após isso, deveria fazer um grande esforço para compreender a discussão.

Compreendi que o grupo havia se dividido quando houve uma drástica mudança nas regras: proibições de todos os tipos haviam sido incluídas, antes inexistentes. A menina do início da discussão acabou sendo esquecida e o grupo direcionou sua ira à moderadora. Esta saiu do grupo e passou a moderação às mesmas pessoas responsáveis pelo grupo no Skoob. Eu nem havia percebido que a moderação da extensão do “Livro Viajante” era diferente da moderação do grupo original. Notei que muitos não sabiam disso também.

No dia seguinte muitos haviam saído do grupo e o clima estava ruim. As novas moderadoras decidiram-se pela exclusão do grupo e a criação de um novo, também no Facebook. Aproveitei para verificar e fazer anotações sobre os álbuns de fotos, arquivos e o que eu pudesse observar do histórico do grupo, antes que o mesmo fosse excluído. Algumas coisas migrariam para o novo, tais como as fotos, mas não os comentários.

Como apontado por Primo (1997), conflitos são comuns em qualquer comunidade, especialmente em comunidades virtuais, nas quais o fluxo de informação pode ser maior e mais rápido. Essas são situações bastante naturais, inclusive vistas dessa forma por muitos dos participantes com que conversei ao longo da experiência no grupo e também nas entrevistas realizadas.

Migrei para o grupo novo chamado “Livro Viajante – o original”. O número de membros aumentou até cerca de 300 e agora, após mais de quatro meses de existência, se mantém em torno desse valor. Acredito que isso ocorra por dois fatores: o primeiro é a nova regra de só participar quem é ativo no “Livro Viajante” do Skoob; o segundo é o forte vínculo que diversos membros já possuíam desde a criação do grupo, mantendo-se juntos nesse novo grupo.

Tentei me manter atenta à possível criação de grupos paralelos, por outros membros do grupo antigo que pudessem haver saído descontentes. Não percebi nenhuma manifestação na época, ainda que através de contato posterior com alguns membros fui informada que houve um grupo paralelo formado pelos dissidentes, mas logo depois dissolvido. Notei que a moderadora polêmica deixou de participar de LVs, assim como imagino que muitos o fizeram. Acredito nisso pois, hoje, já conhecendo uma boa parte da comunidade, vejo que os membros mais ativos nos LVs são os mesmos do grupo novo do Facebook.

Meu próximo passo seria experienciar a disponibilização de um LV. Eu não achei que meu livro voltaria em bom estado depois de passar por tantas pessoas (e isso se ele conseguisse retornar). Escolhi um livro bastante usado mas conservado, que eu ainda não

havia lido e não havia dado muita importância (um dia antes do envio resolvi lê-lo e hoje é um dos livros que mais gosto). Meu primeiro LV, de registro 1395, seria um livro de contos de Flannery O'Connor, chamado "Como é difícil encontrar um homem bom". Ambientado no sul dos Estados Unidos, na década de 1950, os contos possuíam bastante humor negro. Como não vi livros assim no grupo, não apostei muito em interessados.

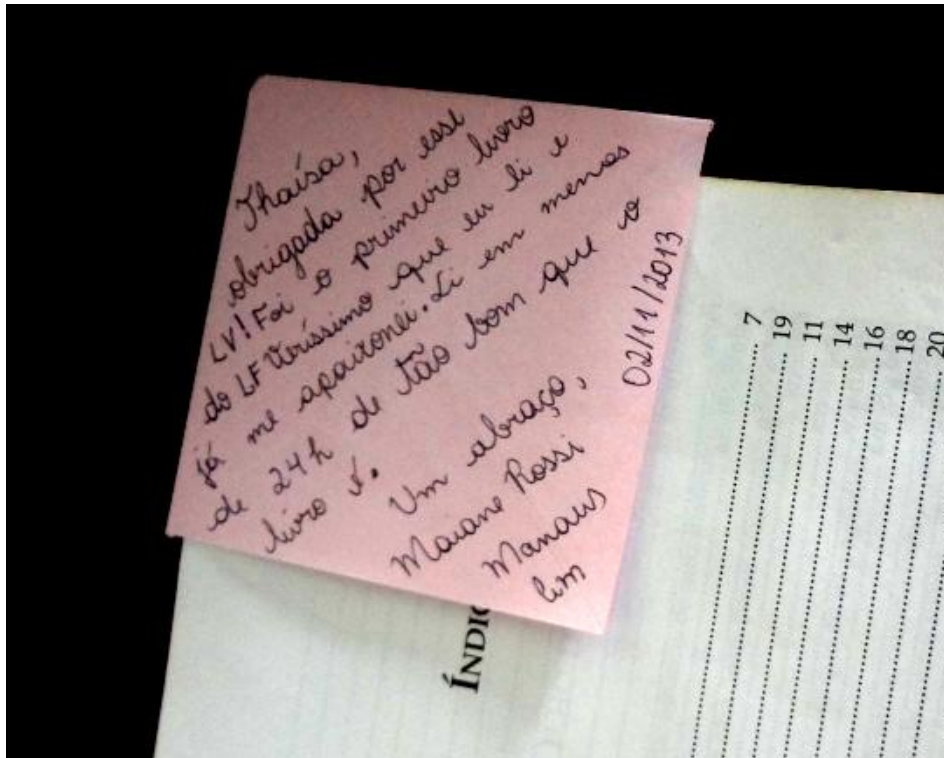
Adaptei regras de outros participantes, resultando em uma longa lista de cuidados com o livro. Solicitei que os leitores possuíssem referência no grupo e que sempre que recebessem o livro me enviassem uma foto. Minha ideia era de que essa prática inibiria possíveis descuidos, além de eu poder acompanhar o estado de meu exemplar. Limitei a apenas cinco participações, decisão justificada por ser meu primeiro LV.

Houveram quatro interessados que me passaram seus dados. Ainda por questões de controle, preferi ficar com o endereço de todos, sendo assim a responsável por entrar em contato com o leitor e indicar o endereço de entrega do próximo na lista. Hoje, vejo que a maioria deixa o contato por conta dos próprios participantes, o que economiza muito o tempo de donos de diversos LVs em viagem.

Meu LV circulou, todos cumpriram as regras e ele voltou em ótimo estado, com três marcadores como forma de agradecimento. Fiquei triste por não receber nenhum bilhete ou mesmo uma mensagem virtual. Possivelmente isso ocorreu por eu não ser conhecida no grupo ou por não haverem gostado do livro.

Coloquei mais dois livros para viajar: LV 1535 – Um morto pula a janela (Nei Lisboa) e LV 1536 – Novas comédias da vida privada (Luis Fernando Verissimo), o primeiro ainda em viagem. Na figura abaixo, apresento uma das mensagens que retornaram com o LV 1536.

Figura 18 – Bilhete de agradecimento pelo LV 1536 – Novas comédias da vida privada



Fonte: Fotografia de arquivo pessoal

Eu já havia recebido marcadores e breves bilhetinhos, mas nenhum tão específico sobre a experiência com o livro, o que me deixou muito feliz.

O segundo livro que peguei emprestado foi um título que eu realmente possuía interesse: “Cenas de um casamento” do sueco Ingmar Bergman. Gostei tanto de alguém ter disponibilizado esse livro que resolvi enviar algo diferente: um marcador/protetor de livros costurado por mim. Passei, então, a compreender melhor os presentes que os membros enviavam uns para os outros (cadernos, agendas, doces e até mesmo outros livros).

Entrei em mais alguns LVs e não tive problema com nenhum deles. Dessa vez, em todos deixei um recadinho em um bilhete ou algum marcador de livros.

6.2 A trajetória

Após a apresentação de primeiras experiências relacionadas aos empréstimos, é importante relatar sobre minhas expectativas quanto à interação no grupo, uma vez que esse era o núcleo de uma de minhas hipóteses sobre o sucesso do “Livro Viajante”.

Com três LVs disponibilizados, somados a tantos outros que participava, eu ainda não havia entrado em contato com nenhum membro para além disso. Aguardei que alguém

entrasse em contato, mas todos foram exclusivamente relacionados ao processo de empréstimo (pedir meu endereço para o envio, passar o código de rastreio, etc.). Ninguém havia me “seguido” no Skoob, tampouco me adicionado como “amigo”: funções do Skoob que permitem interações reativas, ou seja, aquelas em que indicamos nossa ação através de algum tipo de marcação automática (PRIMO, 2008). De que forma todos pareciam ser tão próximos, gerando várias conversas no DDP e principalmente no grupo do Facebook? Eu ainda não havia participado ativamente desses ambientes direcionados à conversação, pois queria verificar como ocorriam as interações reativas. Minha hipótese, baseada na bibliografia sobre o tema, era de que estas antecederiam reações mútuas, as reações de conversação propriamente ditas.

Somente por volta do sétimo mês de imersão no grupo passei a compreender como ocorriam as interações. Essa longa espera para uma maior compreensão do fenômeno reforçou minha escolha por uma abordagem etnográfica de pesquisa. Com a observação não-participante, mesmo valendo-me apenas de questionários ou entrevistas, não acredito que conseguiria a obtenção de tais resultados.

Em setembro foram abertas inscrições para o Amigo Secreto de Natal (chamado pelo grupo de “AS de Natal”). Amigos secretos são eventos frequentes no grupo, realizados desde sua criação. As principais regras eram: a) conversar com seu AS (o Amigo Secreto sorteado) até a troca de presentes; b) Entre os presentes, obrigatoriamente: um livro no valor de até R\$30,00 (entre os livros listados pelo AS), um item de papelaria, alguns marcadores de livros, um item de natal, uma guloseima e um item que descrevesse o amigo sorteado.

Ao total 97 participantes inscreveram-se, devendo cadastrar-se em um *site* próprio para o sorteio de amigos secretos³⁴. No ambiente seria criado um grupo destinado ao AS de Natal do “Livro Viajante”, no qual todos os membros poderiam interagir. O *site* ainda possibilitaria a criação de lista de presentes desejados por participante, além da possibilidade de interação entre dois amigos secretos, mantendo um deles como anônimo durante as conversas.

A organizadora do evento elaborou uma gincana com tarefas diárias, que duraria trinta dias. Os prêmios seriam livros comprados com o dinheiro arrecadado na inscrição (cerca de R\$2,00 por participante). As conversas públicas, no mural do grupo, sempre incluíam as mesmas pessoas, membros bastante ativos no Facebook e Skoob. Aos poucos, com o surgimento de assuntos como apresentação e autores preferidos, outros membros foram

³⁴ <http://www.amigosecreto.com.br/>

aparecendo. Algumas pessoas mencionaram serem novatas no grupo e estarem um tanto perdidas. Sempre que havia algum comentário como esse eu me juntava a elas.

O AS de natal foi uma das experiências mais importantes para compreensão do grupo, mas também uma das mais difíceis em minha inserção na comunidade.

6.3 O deslocamento

O sorteio seria realizado somente após todos os participantes cadastrarem-se no *site*. Durante esse tempo, o pessoal que já estava presente poderia conversar tanto de forma pública, no mural, ou de forma privada, entre dois participantes. Em ambas as formas de discussão o participante poderia escolher comentar revelando sua identidade ou não. Neste caso, o dono do comentário apareceria sem foto e se chamaria apenas “Anônimo”. A função de postagem anônima gerou alguns conflitos, já que todo o tipo de comentário poderia ser feito sem qualquer reprimenda. Mais adiante retornarei a essa questão.

O participante sorteado como meu amigo secreto era alguém que eu já havia observado no grupo, mas que não tinha tido nenhum contato. Possuíamos gostos literários bastante diferentes, por isso dificilmente participaríamos de um mesmo LV ou estaríamos em uma mesma discussão literária. De qualquer forma, conseguimos manter algumas conversas durante o período de dois meses. Eu acabei deixando ele descobrir quem eu era, já que não estava confortável com a conversa em anônimo. Nossas discussões fluíram bem melhor depois disso.

Também mantive conversas com o participante que me teve como amigo secreto sorteado. Essas, no entanto, foram mais fragmentadas. Acredito que isso tenha ocorrido pela diferença ainda maior de gostos literários. Me esforcei para tentar falar de assuntos variados, mas foram experiências que, infelizmente, não deram tão certo como eu imaginei que fossem ocorrer. Enquanto isso, no mural do grupo diversas postagens anônimas comentavam situações parecidas: diziam que seu amigo secreto não gostou de quem tirou, que seus amigos secretos não conversavam direito ou então que nem apareciam. No meu caso nada ruim aconteceu, mas também nada de excepcional. Não senti ligações mais próximas com meus dois amigos secretos. Novamente, conflitos surgiam no grupo, ficando agora mais claro que eram bastante importantes, pois agiam na manutenção dos laços sociais.

Apesar de uma ou outra situação desagradável, a gincana movimentou bastante o grupo. Ainda que eu não tenha conseguido participar por muito tempo, foi interessante a observação. Mais uma vez notei que no grupo, como em qualquer outro, havia a

predominância de determinados assuntos. Estes circulavam em torno dos estilos literários mais lidos pelos participantes: o *Chick Lit*³⁵ e o *YA*³⁶. Eu não havia lido praticamente nada desses gêneros, conhecendo muito superficialmente as obras e autores. As atividades da gincana eram quase todas relacionadas à isso, portanto lá pela sexta ou sétima tarefa acabei desistindo. Havia atividades diversas, de montagem de quebra-cabeças à atividades que exigiam criatividade. De uma forma ou de outra exigia-se conhecimentos literários que eu não possuía.

Sempre gostei de literatura e desde muito nova leio bastante, portanto, como os membros do grupo, também era uma leitora de longa data. No entanto, notei que as obras que gosto eram geralmente englobadas como “clássicos” por grande parte da comunidade, termo que, ao mesmo tempo em que impõe certo respeito, também parece impor uma barreira. Do meu ponto de vista minhas leituras são bastante diferentes, indo da fantasia de Tolkien, passando pela ficção científica de Asimov até o existencialismo de Camus e Dostoiévski. De qualquer forma, nas discussões literárias do grupo raramente eu conseguia me adequar, por mais que a todo momento me esforçasse, saindo por aí a “googlear” livros como “O chamado do cuco” e “A culpa é das estrelas”. Isso tudo me deixou um tanto frustrada, preocupada se isso poderia comprometer minha imersão na comunidade.

Em conversas abertas, ainda no grupo do Amigo Secreto, ia reforçando aos membros que, enquanto participava das brincadeiras e dos LVs, também estava fazendo observações, com fins de pesquisa. Acredito que a cada conversa sobre isso a aproximação dos membros aumentava, pois a curiosidade era grande, por parte da comunidade.

Com a crescente aceitação (ainda que em um ritmo lento), passei a participar um pouco mais do grupo no Facebook, realizando postagens sobre autores, promoções de livros e outros assuntos de interesse da comunidade. De tempos em tempos comentava sobre minha pesquisa e o pessoal mostrava bastante interesse, todos querendo contribuir com alguma curiosidade ou explicação sobre algo que ocorreu antes de minha chegada na comunidade.

Após o recebimento de meu presente de amigo secreto, fiz a postagem da foto no álbum próprio para esse fim, assim como uma breve descrição. Agradei minha amiga secreta

³⁵ *Chick-lit* é uma denominação para literatura sobre mulheres jovens e modernas. Descritos como romances leves e de trama simples, são exemplos “O diabo veste Prada”, “O diário de Bridget Jones” e as séries “Gossip girl” e “Sex and the city”. Correspondem à boa parte dos *best sellers* atuais.

³⁶ Sigla utilizada para literatura “*Young Adult*”, ou em português, literatura para “Jovens Adultos”. Segundo a *Young Adult Library Services Association* (YALSA), divisão da *American Library Association* (ALA), esse tipo de literatura é direcionada à leitores entre 15 e 29 anos. Segundo a YALSA, a literatura YA difere-se da literatura infanto-juvenil por deixar de lado a ingenuidade dos protagonistas e concentrar-se em temáticas mais adultas. São consideradas obras de YA as séries Harry Potter, Crepúsculo, Percy Jackson e Jogos Vorazes. Assim como as *Chick-lit*, costumam gerar muitos *best-sellers*.

que, entre outros presentes, me enviou objetos artesanais, feitos por ela. No entanto, houve um pequeno conflito em relação ao meu comentário, no qual eu brinquei que não gostava da cor rosa, mas agradecia os presentes enviados. No *site* *amigosecreto.com*, valendo-se das postagens em modo anônimo, vários comentários irônicos e grosseiros foram feitos, sobre minha atitude. Essa não era a primeira vez que comentários desse tipo eram realizados no *site*, mas de qualquer forma fiquei um tanto chateada.

Percebi que ao mesmo tempo que um evento como o amigo secreto era uma das situações que mais aproximava os participantes, também poderia ser um local para extravasamentos negativos, permitidos pelo recurso de postagem anônima.

6.4 A adaptação

Precisei de pelo menos seis meses de participação (quase o período total planejado para a observação participante) para conseguir me adaptar à comunidade e me sentir como pertencente a esse grupo de leitores. Já conhecendo muitos dos participantes e os tipos de discussões mais comuns, passei a participar cada vez de forma mais ativa, especialmente do grupo do Facebook. Aos poucos fui encontrando pessoas com gostos literários ou ideias similares, já que sempre comentávamos ou curtíamos as mesmas postagens, além de participarmos dos mesmos LVs. Percebi que os laços eram construídos de forma muito mais lenta e complexa do que havia imaginado, e que justamente por este motivo eram de grande importância para o desenvolvimento do “Livro Viajante”.

Algumas pessoas me adicionaram como amiga e passamos a trocar mensagens privadas também. Conheci alguns *blogs* literários interessantes e no dia de hoje, enquanto escrevo a versão final do relato de minha experiência, iniciei minha participação em um dos tantos desafios literários prezados pela comunidade. Um desafio literário consiste em alguma lista ou guia de leituras que o integrante deve seguir durante determinado período, sendo geralmente convidados a escrever resenhas após a leitura, compartilhando-as com os outros leitores. Esse tipo de brincadeira é bastante comum na blogosfera literária³⁷ e quase todo participante do “Livro Viajante” participa de um desafio anualmente, quando não em vários ao mesmo tempo.

³⁷ Blogosfera é um termo coletivo que compreende diversos *blogs* como uma comunidade ou rede, geralmente vindo antes de um termo que os ligam a um determinado nicho. Exemplo: blogosfera gastronômica, blogosfera brasileira, blogosfera acadêmica, etc.

Pelo que pude perceber ao longo do tempo de imersão, os desafios literários movimentam bastante as leituras dos membros do grupo, gerando alguns dos tipos de discussões mais interessantes na comunidade. A solidarização aumenta, LVs são criados nas temáticas dos desafios e se intensificam as trocas de dicas de leituras.

6.5 Retornando da viagem

Devo mencionar que minha percepção sobre os livros viajantes mudou muito desde o início de minha experiência. Recentemente disponibilizei um dos meus livros preferidos, sem qualquer receio. Anteriormente eu havia disponibilizado livros exclusivamente para fins de observação, portanto emprestei títulos dos quais eu não gostava, tampouco me importando se os participantes iriam gostar ou não.

Meu exemplar de “Escolha o seu sonho”, livro de crônicas de Cecília Meireles, iniciará sua viagem logo, partindo para Pernambuco. É verdade que o livro poderá voltar molhado, rasgado, riscado, amassado ou em tantas outras situações de mau estado. Ou é possível que nem volte. Por outro lado, é também possível que ele retorne apenas com marcas normais de uso, havendo passado por diversas pessoas que gostaram de sua leitura, tanto quanto eu. Assim, percebo que minha postura inicial mudou bastante após o encontro etnográfico.

Continuarei disponibilizando livros devido à satisfação que é emprestar um livro querido, aquele tão desejado, ganho de presente de alguém especial ou adquirido no finzinho de uma feira de trocas. Ainda contribuirei com os empréstimos devido ao prazer que é ter em mãos um exemplar com uma marca única, que indique os locais por quais o livro percorreu ou os momentos por quais passou: uma marca de café na contracapa, uma citação grifada, o arranhão de um gato, um trevinho antigo entre as páginas, durante muito tempo ali guardado por um leitor. Quanto à pegar livros emprestados, admito que farei com menor frequência, apenas para participar da discussão de livros de meu interesse que vez ou outra surgem no grupo.

A dinâmica de empréstimos da comunidade revelada pela etnografia, bem como a abordagem etnográfica em si, foram diferentes para mim. Sendo assim, de forma geral a experiência desse estudo foi bastante interessante, apesar de seus momentos de dificuldade. Como já mencionei anteriormente, acredito que a observação participante realmente fez uma diferença significativa na obtenção dos resultados, me permitindo sentir como os leitores membros da comunidade.

Gostaria de ter lido mais a fundo sobre relatos etnográficos, assim como de ter realizado algumas experimentações antes deste trabalho. Dessa forma, poderia ter prevenido alguns equívocos metodológicos que tive ao longo do processo, além de possibilitar uma maior exploração da escrita desta narrativa. Mas isso ficará para pesquisas futuras, nas quais muito provavelmente voltarei a me valer da etnografia.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procurou-se proporcionar o conhecimento sobre uma prática de empréstimos diferenciada, organizada pelos próprios leitores. Apesar da dinâmica ser uma forma de circulação da informação e estar bastante relacionada à ampla noção de biblioteca, verificou-se que ela não é reconhecida desta forma por seus participantes. No entanto, essa percepção não exclui o estudo de manifestações como essas por profissionais da informação, pelo contrário, a estimula, justamente por ser uma forma distinta de expressão de leitores.

Explorou-se o histórico da comunidade, bem como seu funcionamento, apresentado através da experiência de imersão etnográfica durante o período de sete meses. Foi possível observar o sucesso da dinâmica e quais fatores o determinavam. Constatou-se como principal motivo de participação na comunidade a possibilidade de interação com outros leitores de uma mesma obra e, mais que isso, de um mesmo exemplar. Nesse sentido, foi percebido um alto apreço pelos livros emprestados dessa forma, devido especialmente ao sentimento de familiaridade e cumplicidade que estes proporcionam aos leitores.

Por outro lado, as mesmas obras, se pertencentes à bibliotecas, geram uma percepção diferente nos participantes, praticamente oposta à dos livros do grupo, como foi verificado através de afirmações dos próprios membros. Os materiais de bibliotecas possuem uma aura de impessoalidade, de acordo com os participantes, o que gera alguma resistência ao seu empréstimo. Este, somado a outras impressões negativas sobre bibliotecas, é um dos motivos por quais membros da comunidade a preferem ao invés de instituições formais e tradicionais.

Assim, os resultados desta pesquisa indicam que os participantes do grupo observado buscam compartilhar um interesse que possuem em comum: a leitura. Raramente mencionaram bibliotecas. No início da pesquisa era pretendido compreender o compartilhamento de livros da comunidade relacionado ao que ocorre em uma biblioteca, ainda que distintos. Entretanto, no decorrer do processo etnográfico, rapidamente ficou clara a necessidade de um maior aprofundamento na reflexão sobre esta relação, uma vez que a comunidade pesquisada apresenta complexidade suficiente nela mesma para que se realize considerações sobre hábitos de leitura de forma autônoma.

Verificou-se que o compartilhamento de livros gera laços fracos entre os membros, transformando-se em laços mais sólidos em alguns momentos-chave, realizados periodicamente na comunidade: gincanas, amigos secretos, sorteios e encontros presenciais. As interações foram citadas como o principal diferencial entre o “Livro Viajante” e

bibliotecas, motivo pelo qual preferem utilizar a comunidade para empréstimos, mesmo com acesso à outras formas de aquisição de leituras.

A abordagem etnográfica foi essencial para uma maior compreensão do fenômeno de empréstimos interpessoais, uma vez que permitiu observar amplamente o universo da comunidade em questão, inserindo a pesquisadora como um dos participantes. O apoio de estudos de cibercultura também auxiliaram, servindo de base para o entendimento de expressões culturais no meio virtual.

Para instituições tradicionais que pretendam valer-se do aspecto de sociabilidade entre leitores, propõe-se ideias como rodas de leitura, *blogagem* coletiva (bibliotecários e usuários) e similares. Tais alternativas podem ser a chave para um melhor entrosamento entre bibliotecas, leituras e leitores.

Sugere-se, ainda, que pesquisas sobre diferentes formas de circulação da informação (focando na leitura literária) continuem sendo realizadas, especialmente as que abordem apropriações de antigas práticas em novos ambientes. Os estudos biblioteconômicos devem permanecer em atualização, não deixando de focar os sujeitos que utilizam a informação, seja ela disponibilizada através de um meio tradicionalmente reconhecido ou não, consideradas como bibliotecas ou não.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências terminológicas. **Revista USP**, São Paulo, n.86, p.122-135, jun./ago. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/bhMID5>> Acesso em: 20 jan. 2014.
- AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra Portella. Pesquisa em cibercultura e internet: estudo exploratório-comparativo da produção científica da área no Brasil e nos Estados Unidos. **Conexão: comunicação e cultura**, Caxias do Sul, v.9, n.18, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/hXtYKj>> Acesso em: 20 jan. 2014.
- ANDERSON, Chris Anderson. **A cauda longa: do mercado de massa ao mercado de nicho**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. São Paulo: Artmed, 2009.
- BARABÁSI, Albert-László. **Linked (Conectado): a nova ciência dos networks**. [S.l]: Leopardo Editora, [2009].
- BAYM, Nancy. Internet research as it isn't, is, could be, and should be. **The Information Society**, v.21, n.4, p.229-232, sep./2005.
- BOOTH, Wayne et al. **A arte da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BORGES, Jorge Luis. A biblioteca de Babel. In: _____. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CARRERA, Fernanda Ariane Silva; PAZ, Mônica de Sá Dantas. Capital social, ethos e gerenciamento de impressões em redes temáticas: o caso Skoob. In: SIMPÓSIO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS E SOCIABILIDADE, 2012, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/B0ccfC>> Acesso em: 20 jan. 2014.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CRIPPA; Giulia; CARVALHO, Larissa Akabochi. A mediação da informação através da comunidade virtual Anobii: um estudo de caso. **Encontros Bibli**, v.17, n.35, p.97-120, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/udsUjj>> Acesso em: 20 jan. 2014.
- CRUZ, Ruleandson do Carmo. Redes sociais virtuais: premissas teóricas ao estudo da Ciência da Informação. **Transinformação**, Campinas, v.22, n.3, p.255-272, set./dez 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/0wsVDq>> Acesso em: 20 jan. 2014.
- CUNHA, Vanda Angélica da. Incentivo ao hábito de leitura como alicerce para o desenvolvimento humano. **PontodeAcesso**, Salvador, v.5, n.2, p.78-87, ago.2011. Disponível em: <<http://goo.gl/JDrjVJ>> Acesso em: 20 jan. 2014
- FACEBOOK tem nova Timeline com destaque para filmes, livros e Instagram. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/ezqVxO>> Acesso em: 20 jan. 2014.

FERREIRA, Gonçalo Costa. Redes sociais de informação: uma história e um estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.16, n.3, p.208-231, jul./set. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/hRmmB3>> Acesso em: 20 jan. 2014.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO NACIONAL PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 3. ed. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/rK9M6>> Acesso em: 20 jan. 2014.

JANUÁRIO, Sandryne Bernardino Barreto. A relação interdisciplinar entre a Ciência da Informação e a Ciência da Comunicação: o estudo da informação e do conhecimento na biblioteconomia e no jornalismo. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.7, n.2, p.151-165, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/idsPns>> Acesso em: 20 jan. 2014.

LEITÃO, Paulo. Livros, leituras e redes sociais. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL BIBLIOTECAS PARA A VIDA, 2., Évora, 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/IPjPVS>> Acesso em: 20 jan. 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LEMO, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOLES, Abraham A. Biblioteca pessoal, biblioteca universal. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v.6, n.1, p.39-52, 1978. Disponível em: <<http://goo.gl/rIzjgt>> Acesso em: 20 jan. 2014.

MOREIRA, Walter. Os colégios virtuais e a nova configuração da comunicação científica. **Ciência da Informação**, Brasília, v.34, n.1, p.57-63, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/zW7nkw>> Acesso em: 20 jan. 2014.

MOREIRA, Walter. Os colégios virtuais e a nova configuração da comunicação científica. **Ciência da Informação**, Brasília, v.34, n.1, p.57-63, jan./abr. 2005.

PONTOS de Bookcrossing. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/DWuu3>> Acesso em: 20 jan. 2014.

PRIMO, Alex. A emergência das comunidades virtuais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO INTERCOM, 20, 1997, Santos. **Anais...**, Santos: [S.n.], 1997. Disponível em: <<http://goo.gl/JiCdEP>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

_____. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RECUERO, Raquel. Comunidades Virtuais em redes sociais na internet: uma proposta de estudo. **Ecompós**, v.4, 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/RQNwBW>> Acesso em: 20 jan. 2014.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica. **Ecos**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 109-126, 2001.

_____. Comunidades em redes sociais na Internet: um estudo de caso dos fotologs brasileiros. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.63-83, mar.2008. Disponível em: <<http://goo.gl/VcoqLl>> Acesso em: 20 jan. 2014.

RIBAS, Claudia da Cunha; ZIVIANI, Paula. Mediação, circulação e uso da informação no contexto das redes sociais. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, v.9, n.2, p.1-19, jun. 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/IGzjfZ>> Acesso em: 20 jan. 2014.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura, **Ecompós**, v.4, 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/tqwkUa>> Acesso em: 20 jan. 2014.

SANTOS, Amanda Villas-Bôas dos. **A construção de capital social pelos interagentes do site Lookbook.nu**. 2010. 83 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Departamento de Comunicação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/wfP2Se>> Acesso em: 20 jan. 2014.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Práticas de letramento na rede social Skoob: interfaces com a educação a distância. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 3., Recife, [2010?]. **Anais...**, Recife: UFPE, [2010?]. Disponível em: <<http://goo.gl/BDnvB1>> Acesso em: 20 jan. 2014.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Um elogio à sedução, ou a biblioteca como espaço de leitura. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.17, n.4, p.142-159, out./dez.2012. Disponível em: <<http://goo.gl/G7oGUw>> Acesso em: 20 jan. 2014.

TRIVINHO, Eugênio; CAZELOTO, Edilson (Orgs.). **A cibercultura e seu espelho**: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú Cultural, 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/jzxptq>> Acesso em: 20 jan. 2014.

VIANA NETO, Jaime de Queiroz. Skoob: ambiente virtual de socialização entre leitores e textos. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 3, 2010, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/cfZw1w>> Acesso em: 20 jan. 2014.

APÊNDICE A – Roteiro base das entrevistas

Sobre o grupo: dinâmica e interações
Quando e como conheceu o “Livro Viajante”?
O que o fez se interessar pelo grupo?
Já realizou empréstimos no grupo? Disponibilizou livros ou pegou emprestado?
[Se pegou emprestado:] Por qual motivo pegou livros emprestados do grupo? Como foi sua experiência?
[Se pegou emprestado:] Você costuma seguir as regras dos LVs que participa? O que acha da cobrança das regras pelos donos dos LVs?
[Se pegou emprestado:] Após ler um LV emprestado por outro participante, você costuma deixar recados ou enviar algo como retribuição? Se sim, você envia algo virtualmente ou materialmente?
[Se emprestou:] O que o motivou a disponibilizar seus livros? Como foi sua experiência com essas disponibilizações (os LVs voltaram em bom estado? a circulação deles foi tranquila)?
[Se emprestou:] As regras estabelecidas em seus LVs são formuladas por você mesmo ou copiadas de outros participantes?
[Se emprestou:] Acha necessário conferir a reputação dos participantes que solicitam seus LVs? Se vc a confere, de que forma o faz?
Você empresta LVs a participantes que nunca participaram de nenhum LV?
Nas observações que realizei durante esses meses participando do grupo, notei que algumas pessoas utilizam seu mural no Skoob para citar os LVs que participam ou participaram. Você utiliza o mural dessa forma também? Por qual motivo acredita que o mural é utilizado dessa forma?
Ao participar de algum livro viajante, você mantém contato com os outros participantes (leitores do mesmo livro)? Se sim, que tipo de contato (troca mensagens, segue, adiciona no Skoob, adiciona em outras redes sociais, etc.)?
Você realizou amizades mais duradouras no grupo? (ou seja, que ultrapassaram os limites do grupo)
Você participa do grupo “Livro viajante – o original” no Facebook? Se sim, por qual(is) motivo(s) ingressou neste outro grupo?
Você participa de outros grupos relacionados ao Livro Viajante? (Lista cinza e negra, Aniversariantes ou algum outro? Se sim, o(s) mencione.)
Já presenciou conflitos no Livro Viajante? De que tipo?
Participa dos eventos presenciais do Livro Viajante? Se sim, comente sobre eles.
Participa dos Amigos Secretos e gincanas realizados periodicamente no grupo? Se sim, comente sobre eles.
Você conhece o tópico DDP (Dois dedinhos de prosa) do grupo no Skoob? O utiliza?
Utiliza outros sites de empréstimos e/ou troca de livros? Quais e por qual motivo?
Você conhece o projeto Bookcrossing? Se sim, como o conheceu? Já participou repassando algum livro?
Conhece outros grupos com proposta similar ao Livro Viajante? Participa deles?
Atualmente grande parte dos participantes ativos no grupo do Skoob também participam do grupo do Facebook. Acredita que o grupo do Skoob pode funcionar bem sem o apoio do grupo do Facebook? Ou que estão tão interligados que o primeiro só funciona plenamente junto com o segundo?
Sobre bibliotecas e leitura
O que bibliotecas representam para você? Qual o papel delas em sua vida?
Você frequenta bibliotecas atualmente? De que tipo (pública, escolar, universitária, etc.)?
Utiliza o serviço de empréstimo para obras de ficção?
[Se frequenta e realiza empréstimos em bibliotecas:] Você alguma vez conferiu se os LVs dos quais participa (ou participou) estão disponíveis em bibliotecas que sejam de fácil acesso a você? Se eles existem em ambos os locais, por quais motivos você prefere realizar o empréstimo no Livro Viajante e não na biblioteca (lembrando que no grupo você deve arcar com custos de envio e embalagem adequada)?
Considerando o empréstimo como uma das principais funções de uma biblioteca, você consideraria o Livro viajante um tipo de biblioteca? Explique sua resposta.
Os livros que lhe interessam, você prefere comprar, pedir emprestado a alguém próximo, procurar o LV no grupo e participar do ciclo de empréstimos, pegar emprestado de uma biblioteca ou o adquire por troca com outra pessoa? (coloque em ordem de prioridade, do que você mais faz para o que menos faz)
Você lê os livros que pede emprestado no grupo?
Você lê e-books e /ou livros digitalizados? Costuma trocá-los com participantes no grupo?
Em conversas pelo Facebook, alguns participantes do grupo afirmam que seu hábito de leitura aumentou desde que entraram para o grupo. Por outro lado, outros acreditam que seu hábito de leitura não aumentou, uma vez que nem sempre conseguem ler os livros que pedem emprestados. Qual o papel do Livro Viajante em sua vida? Auxiliou a impulsionar seu hábito de leitura? Ou você diria que ele é mais importante por outros motivos (se sim, diga quais)?
Há alguma questão que você achou que lhe seria perguntada e não foi? Gostaria de contar algo sobre sua experiência no

grupo que a marcou ou que seja um fato curioso?

APÊNDICE B – Trecho do diário de campo

- Criação de tópico "LV 1395 - É difícil encontrar um homem bom [Flanery O'Connor]" (12/06/13)

URL: <http://www.skoob.com.br/topico/mostrar/31856>

Participantes:

Andressa Vazquez (Dona): <http://www.skoob.com.br/usuario/andressavazquez>

Quarta Lemos: <http://www.skoob.com.br/usuario/quartalemos> (possui página inicial de perfil com detalhes sobre trocas e LVs no Skoob)

Marilene Santos (Lily): <http://www.skoob.com.br/usuario/marilenesantos>

Lucia da Cunha: <http://www.skoob.com.br/usuario/lucia> (possui página inicial de perfil com detalhes sobre trocas e LVs no Skoob)

Obs.: mencionei que este era meu primeiro LV postado, portanto entre minhas regras exigi um número pequeno e limitado de participantes (5), de forma que eu pudesse me acostumar com o controle do livro. Quatro pessoas manifestaram interesse, todas deixando suas referências e seguindo as regras propostas.

- Para a elaboração das regras verifiquei outros LVs e adaptei as regras encontradas com a devida citação aos participantes ([http://www.skoob.com.br/usuario/andressavazquez](#), [http://www.skoob.com.br/usuario/quartalemos](#) e [http://www.skoob.com.br/usuario/marilenesantos](#))
- Verifiquei em outros tópicos a mesma postura tomada por mim na posição de participante com primeiro LV postado. Nestes casos, o concedente do LV estipula um número pequeno de participantes devido à sua falta de experiência com as viagens.
- Na criação do tópico houve um erro do sistema e o tópico foi duplicado. Ao entrar em contato com uma das moderadoras do grupo e pedir a exclusão de um dos tópicos, fui bem recebida e felicitada pelo primeiro LV postado no grupo.
- Envio do livro "É difícil encontrar um homem bom" dentro do prazo, dia 18/06. Código de rastreio postado.
- Recebimento do livro pela [Andressa Vazquez](#). Envio das fotos do recebimento.